REVISTA CRIANÇA CIDADÃ

IMPRESSO ESPECIAL
9912248060/2010-DR/PE
Associação Beneficente Criança Cidadã
· · · CORREIOS · · ·

UMA PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CRIANÇA CIDADÃ ANO 3 NÚMERO 12 JUL-OUT. 2012

ORQUESTRA EM EXPANSÃO

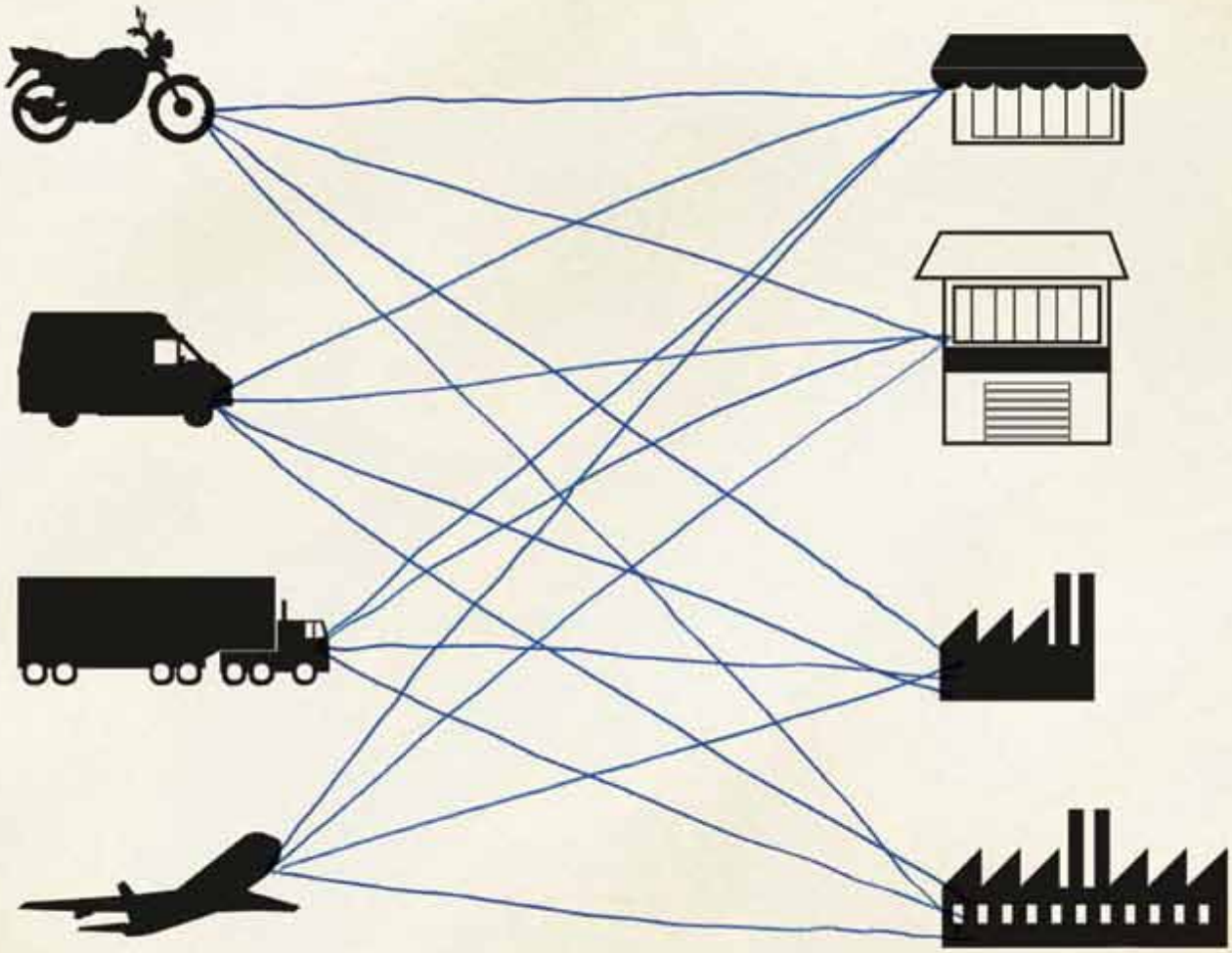
E MAIS

Em construção, núcleo de sopro vai tornar a Orquestra um grupo de câmara

Primeira escola de Lutheria de Pernambuco chega para preservar os quase extintos ofícios de luthier e archetier

IMPRESSO FECHADO. PODE SER ABERTO PELA ECT

ATIPLA



RAPIDÃO COMETA. ENTREGAS DE QUALQUER TAMANHO PARA QUALQUER TAMANHO DE EMPRESA.

O Rapidão Cometa, um dos maiores provedores de serviços logísticos do país, faz entregas através de transporte aéreo ou rodoviário em qualquer lugar do mundo. São várias opções de transporte que se adaptam a qualquer tamanho de carga e a qualquer tamanho de empresa. Seja qual for a sua necessidade, chame o Rapidão Cometa. Sua companhia de soluções.

TRANSPORTADORA LICENCIADA **FEDEX.**

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE
0800 282.2282
www.rapidaocometa.com.br

Rapidão Cometa

REVISTA CRIANÇA CIDADÃ

SUMÁRIO

ESPAÇO CRIANÇA CIDADÃ: MISSÃO DE REALIZAR SONHOS 06

MAESTRO: ISRAEL DE FRANÇA VISITA ORQUESTRA 09

ARTIGO: O MEMORIAL DA CIDADANIA 12

OLIMPÍADAS CRIANÇA CIDADÃ: FESTIVIDADES MARCAM FIM DA COMPETIÇÃO 15

YANE MARQUES: DE CRIANÇA CIDADÃ A MEDALHISTA 17

CAPA: PRIMEIRA ESCOLA DE LUTHERIA DE PERNAMBUCO É INAUGURADA 22

EXPANSÃO: ORQUESTRA GANHA NÚCLEO DE SOPRO 27

CANTO: O SOM QUE VEM DA ALMA 29

GUSTAVO PACO: O BRAÇO DIREITO DO MAESTRO 36

ARTIGO: TRABALHO ARTÍSTICO-INFANTIL E A ORQUESTRA 39

CHOPIN: O SEGUNDO MOZART DA MÚSICA 51

PAULO FREIRE: EDUCAÇÃO PELA IGUALDADE 53

EDITORIAL

UMA ORQUESTRA EM ASCENSÃO

A Orquestra Criança Cidadã está crescendo. Depois da inauguração da primeira Escola de Lutheria de Pernambuco, em setembro, está prevista, ainda para este ano, mais uma novidade: um núcleo de sopro será integrado ao programa. Com ele, a Orquestra poderá atender mais crianças e adolescentes — cerca de 30 — e estará preparada para apresentar peças mais complexas.

A estrutura física que abrigará as lições de flauta transversa, oboé, clarinete, trompa e fagote já está sendo construída na sede do programa, localizada no Quartel do Cabanga. A edificação oferecerá seis novas salas de aula isoladas acusticamente, além de um auditório com capacidade para uma orquestra de até 80 músicos. O Núcleo de Sopro é um sonho acalentado há tempos pela Diretoria da Orquestra Cidadã, até porque constitui mais um passo no sentido de reforçar o potencial artístico dos Meninos.

Outra novidade do programa é a chegada do maestro assistente Gustavo Paco, argentino que mora há 34 anos no Brasil. Com grande experiência na condução de jovens e crianças, o renomado flautista foi escolhido com precisão analítica. Como disse o coordenador geral da Orquestra, juiz João Targino, o nome de Gustavo Paco surgiu instantaneamente e logo foi aprovado pelo maestro titular, Lanfranco Marcelletti Jr. Conheça mais sobre o novo regente nestas páginas.

Mas não é só a Orquestra Criança Cidadã que está crescendo. O Espaço Dom Helder Camara também dá passos em sentido ascendente. O local ganhou, recentemente, um galpão de eventos, que será utilizado em comemorações e atividades do Espaço e para aluguel ao público externo. Eis mais uma fonte de renda que chega para o programa da Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC).

E mais: confira a importância do canto coral na formação de uma orquestra e muitas curiosidades sobre o tema; o trabalho fundamental e revolucionário desenvolvido pelo educador Paulo Freire; e a conclusão das Olimpíadas Criança Cidadã, acompanhada de uma entrevista com a pentatleta campeã Yane Marques — que, pouca gente sabe, mas foi revelada pela primeira Olimpíada da ABCC, realizada em 2001.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

REVISTA CRIANÇA CIDADÃ
Rua General Estilac Leal, 439
Cabanga – Recife – PE
Telefones: (81) 3224-0305
(81) 3428-7600

CONSELHO EDITORIAL
(ASSOCIAÇÃO CRIANÇA CIDADÃ - ABCC)
Des. Nildo Nery dos Santos
Juiz João Targino
Dra. Nair Andrade

EDIÇÃO
Mariane Menezes (ABCC)
DRT/PE 4315

REDAÇÃO
Equipe de Comunicação da ABCC:
Alef Pontes, Camilla Figueiredo e Devanyse Mendes

CAPA
Milton Raulino

ILUSTRAÇÃO
Camille Nascimento
camilledesign@hotmail.com

DIAGRAMAÇÃO
Milton Raulino (ABCC)

TIRAGEM
2.500 exemplares

IMPRESSÃO
Gráfica Dom Bosco

Esta publicação é um instrumento de comunicação da Associação Criança Cidadã / Orquestra Criança Cidadã. Comentários e sugestões devem ser enviados para o e-mail

contato@associacaocriancacidada.org.br

CONTRIBUA
Banco do Brasil
Ag. 1850-3, C/C 10674-7
Deposite a quantia que desejar.

PARCEIROS

COMPONDO UM NOVO FUTURO.

O COLÉGIO MOTIVO PATROCINA A ORQUESTRA CRIANÇA CIDADÃ.

A Orquestra Criança Cidadã fechou parceria com o Colégio Motivo.
Agora, 15 jovens músicos têm bolsas de estudo para o curso pré-vestibular.
É a educação e a música gerando oportunidades e esperança para os jovens.

colégio MOTIVO

ORQUESTRA CRIANÇA CIDADÃ

aporte*

ESPAÇO CRIANÇA CIDADÃ

Missão de realizar sonhos

História da família Ferreira é apenas uma das muitas que a ABCC ajuda a reescrever

FOTO: ARQUIVO ESPAÇO CRIANÇA CIDADÃ

FÁBIO (NO MEIO) E SEUS EXEMPLOS: OS PAIS E O CORONEL SEBASTIÃO GONDIM

Criar os filhos em um ambiente saudável e dar as condições necessárias para o desenvolvimento dos descendentes é o desejo dos pais desde o momento que se tem notícia de que o novo integrante da família está para chegar. Que pai não quer ver a filha ingressar na universidade? Que mãe não quer ver o filho casar? Quando a falta de oportunidade bloqueia o caminho da cidadania, no entanto, alcançar sonhos tão simples se torna uma missão quase impossível. Fábio Ferreira, 22 anos, superou as barreiras da dificuldade e, com muita força de vontade e a ajuda do Espaço Criança Cidadã Dom Helder Camara, realizou os sonhos da mãe.

Maria José Ferreira da Silva, 43, a mais nova de 13 irmãos — cinco mulheres e oito homens —, nasceu e foi criada nas ruas do Recife. Jamais conheceu o pai, que morreu de infarto logo após o seu nascimento. Sua mãe, Albertina Ferreira da Silva, lavava roupa para dar o que comer aos filhos, mas, quando Maria José estava com seus oito anos, Albertina descobriu um abscesso mamário e não pôde mais trabalhar. Os jovens, sem contato com os pais — cinco eram filhos do mesmo pai, os demais eram um de cada pai diferente —, foram obrigados, então, a vender pé de moleque nos sinais para sobreviver.

Aos 18 anos e carregando nos braços uma filha de alguns meses, fruto de uma relação que não foi para a frente, Maria José conheceu Franci Lira de Sousa, que tinha 20 anos na época. Ele vendia picolé e vivia nas ruas que rodeavam a casa da avó dela, em Águas Compridas, onde se conheceram. Logo se envolveram, e o romance deu origem a Fabiana, hoje com 25 anos, a primeira dos seis filhos que Franci viria a ter com Maria José. Vivendo pelas ruas do centro do Recife, passaram por todas as privações e dificuldades que a falta de um lar oferece. "Não foi fácil criar sete filhos na rua. Quando chovia, tínhamos que sair correndo com as coisas nas mãos para procurar abrigo. E quando a Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, atual Funase) passava para levar os meninos, a gente tinha que se esconder", desabafa Maria José.

Em vez de ver seus sonhos de mãe serem realizados, ela vivia os piores pesadelos ao assistir seus filhos passando fome. "Dizem que o normal é a pessoa fazer, no mínimo, três refeições por dia, mas a gente nunca teve isso quando morava na rua; a gente comia uma vez só, quando comia", diz.

Para piorar a situação, Franci se entregou à bebida e não ajudava mais a esposa a cuidar dos filhos. Maria José percebeu que não teria condições de cuidar das crianças e de um marido alcoólatra. Foi quando decidiu se separar. Com filhos e sem marido, ela perambulou pelo centro do Recife por três anos. Na Rua Imperador Dom Pedro II, conheceu o presidente da Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC), desembargador Nildo Nery, que lhe ofereceu uma casa nas vilas Nossa Senhora de Fátima e São Francisco, no Parque do Caiara, bairro do Cordeiro. Isso foi há 13 anos, quando a história de Maria José e de seus filhos começou a mudar.

Longe das ruas e na acolhida de um lar, a família se recompôs. Franci voltou a viver junto com a mulher e os filhos, arrumou um emprego e passou a trabalhar com serviços gerais na Secretaria de Defesa Social. Em 2006, foi criado o Espaço Criança Cidadã, junto às vilas Nossa Senhora de Fátima e São Francisco. O programa da ABCC visa incluir socialmente crianças e adolescentes carentes das redondezas do Parque do Caiara, mas ajudou também Maria José. A partir de 2008, ela começou a trabalhar como voluntária no Espaço em troca do suporte que a ABCC oferecia a sua família. Há sete meses, Maria José entrou oficialmente para o quadro de funcionários da ABCC e diz que realizou mais um sonho. "Ter vindo para as Vilas mudou bastante a minha vida. Só de não estar mais no meio da rua com meus filhos, já foi uma benção. E eu tinha um sonho, que era de trabalhar com carteira assinada, o Espaço realizou esse meu sonho também", comenta Maria José.

Quem também aproveitou a maré de melhorias para buscar novos caminhos foi Fábio Ferreira, hoje com 22 anos, o filho do meio de Maria José é o único homem da prole. O rapaz viveu a infância nas ruas com a mãe, o pai e as irmãs, e sempre carregou consigo o desejo de mudar de vida, de construir um final feliz para a sua história. "O que falta para minhas irmãs é força de vontade, eu acho, coisa que nunca me faltou. Mesmo diante das dificuldades que a gente passou na rua, eu decidi que ia crescer na vida e quero encontrar uma maneira de mudar a realidade de outras pessoas", declara Fábio.

Sebastião Gondim, coronel da Polícia Militar, acompanhou a trajetória do garoto desde aproximadamente seus oito anos. "Conheci Fábio em 2000. Eu trabalhava com Doutor Nildo Nery na época, e estava surgindo a 'célula' que deu início ao programa das Vilas Nossa Senhora de Fátima e São Francisco", diz Gondim. No período de levantamento das famílias que viviam no entorno da Rua Imperador Dom Pedro II, o coronel percebeu que Fábio nunca pedia dinheiro aos transeuntes, ao contrário das outras crianças do bairro. "E mesmo quando alguém dava alguma coisa, ele prontamente ia entregar à mãe", completou. Simpatizando com o jeito tímido e reservado do menino, Gondim resolveu "apadrinhá-lo" e ajudá-lo no que fosse possível. Alguns anos depois da

mudança do garoto para as Vilas, Sebastião arranjou um estágio no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para o já adolescente Fábio, onde todos os supervisores só elogiavam o desempenho dele. Quando o estágio acabou, Fábio foi contratado como auxiliar administrativo.

Há três anos, o rapaz conheceu Graciele de Cássia, 23, com quem casou no início de setembro deste ano, realizando mais um sonho de Maria José. Sebastião foi o padrinho do noivo e não esconde a satisfação do convite. "No casamento, ele me viu e se emocionou. Acho que a vida toda passou pela cabeça dele", lembra Gondim. A recepção para os convidados da cerimônia foi realizada no recém-construído galpão de eventos do Espaço Criança Cidadã, que será utilizado em outras comemorações e atividades do Espaço. Fábio quer constituir família, mas sabe que só pode ter filhos se puder criá-los bem, pois quer oferecer qualidade de vida e educação a eles.

Antes de dar mais netos a Maria José — quatro das seis irmãs dele já têm filhos —, no entanto, Fábio quer se formar em Direito, sonho que ainda está um pouco distante por falta de condições financeiras. "Quero entrar na faculdade para defender o direito das pessoas que, contraditoriamente, o governo não garante. Quantas pessoas que estão na cadeia são inocentes e foram presas por deficiência do sistema prisional brasileiro? Vivemos em um país que se diz democrático, mas, na realidade, essa falsa democracia esconde os privilégios e o domínio de uns em relação a outros, e isso não está certo", analisa Fábio.

FOTO: ARQUIVO ESPAÇO CRIANÇA CIDADÃ

CASAMENTO DE FÁBIO ESTREOU GALPÃO DE EVENTOS DO ESPAÇO CRIANÇA CIDADÃ

FOTO: ARQUIVO ESPAÇO CRIANÇA CIDADÃ

NAIR ANDRADE (À DIREITA), COORDENADORA DO ESPAÇO CRIANÇA CIDADÃ, FEZ QUESTÃO DE IR À CERIMÔNIA

Consciente de que está no caminho certo para "ser alguém na vida", o rapaz agradece o apoio e o suporte que a ABCC dá a sua família. E parabeniza o trabalho realizado no Espaço Criança Cidadã, que oferece as oportunidades que ele não teve a crianças que necessitam dessa ajuda.

Maria José diz, com orgulho, que gostaria que as filhas também concluíssem o ensino médio, tivessem oportunidade de ingressar na universidade, conseguissem bons empregos, constituíssem família e tivessem condições de correr atrás dos sonhos, mas entende que é preciso muita força de vontade para superar todas as dificuldades e os traumas que a vida na rua impõe. "Eu tenho mais é que agradecer ao desembargador Nildo Nery e à advogada Nair Andrade — coordenadora do Espaço Criança Cidadã — por tudo que eles têm feito pela minha família", finaliza.

Essa é uma história que ainda não teve final, mas que já é mais feliz do que mãe e filho jamais puderam imaginar. E a Associação Beneficente Criança Cidadã, através do Espaço Dom Helder Camara, tem orgulho de contribuir para a melhoria de vida de Maria José, Fábio, Ana Paula, Fabiana, Flávia, Elizabete, Jaqueline, Michele, Franci e muitas outras famílias.

MAESTRO

Israel de França visita Orquestra

Regente pernambucano trilhou os mesmos caminhos dos Meninos do Coque

Maestro da orquestra espanhola Ciudad de Granada, o pernambucano Israel de França visitou, no dia 11 de agosto, a sede da Orquestra Criança Cidadã, localizada no Cabanga, Recife. Conhecido pela origem socialmente vulnerável — França nasceu no bairro de Peixinhos, em Olinda, e participou de projeto similar à Orquestra —, ele, todos os anos, retorna à terra natal com a finalidade de incentivar ações sociais que utilizam a música como instrumento de transformação na vida de crianças e adolescentes de comunidades marginalizadas.

Visivelmente envolvido em meio aos jovens, o maestro regeu o grupo, executando a peça *Mourão*, de Guerra Peixe, além de composições de Mozart. Em seguida, a Orquestra promoveu um dueto de violinos entre Israel de França e o jovem integrante do programa social, também violinista, João Pedro Lima. Para o regente, os garotos alcançaram nível técnico e qualidade musical impressionantes. "Esses garotos precisam ir à Europa, tocar nos grandes teatros. As pessoas precisam conhecer este trabalho", afirmou.

Com a visita, Israel de França espera servir de exemplo e inspiração para os garotos, que estão passando pelo mesmo caminho que ele já trilhou um dia. A música, segundo ele, é um meio capaz de mudar totalmente a vida de quem se encontra em situação de risco. "A arte musical transforma não apenas realidades pessoais, mas de toda a comunidade em torno de quem a difunde", reforçou. "Eu vejo, simplesmente, uma transformação de 100%, da água para o vinho. Muitos estão conseguindo chegar lá", comentou, ratificando o sucesso do trabalho. Quando questionado sobre um conselho aos jovens músicos, ele disse: "dedicação e disciplina são o caminho. Estudar, estudar, estudar, sempre".

FOTO: ALEF PONTES

ISRAEL DE FRANÇA: "ESSES GAROTOS PRECISAM IR À EUROPA, TOCAR NOS GRANDES TEATROS"

SOBRE ISRAEL DE FRANÇA

Nascido na comunidade de Peixinhos, em Olinda, filho de um operário e de uma lavadeira, Israel de França enfrentou, desde cedo, os desafios da pobreza e do racismo. Porém, como os Meninos do Coque, sua vida mudou quando se encontrou com a música, ao integrar a banda estudantil do *Projeto Espiral*, na escola estadual Cônego Jonas Tourinho, aos 13 anos. Lá Israel consolidou sua vocação musical e, com dois anos e meio de estudo, já estava na Orquestra Sinfônica do Recife. Depois, mudou-se para Campinas (SP) e, em 1989, para a Europa, a fim de estudar violino na Inglaterra e em Portugal. Atualmente, é regente da Orquestra Ciudad de Granada, na Espanha.

ENTREVISTA | RAFAEL LUCCHESI E ROBSON BRAGA

"Educação é a base de qualquer nação"

Gestores da Confederação Nacional da Indústria (CNI) falam sobre parceria de longa data com a Orquestra Criança Cidadã, que foi recentemente renovada, e sobre a importância da responsabilidade social nas grandes empresas

Parceira da Orquestra Criança Cidadã desde o início do projeto, em 2006, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) acaba de reforçar os laços com os Meninos do Coque. A atual cota de patrocínio do projeto, responsável por pagamentos de terceirizados, alimentação das crianças, materiais didáticos e de limpeza, entre outros apoios, foi renovada pelo presidente da instituição, Robson Braga de Andrade, ao lado do diretor de Educação e Tecnologia, Rafael Lucchesi.

Andrade justifica o patrocínio. "O projeto Orquestra Criança Cidadã é uma iniciativa social inovadora, pois proporciona a crianças e jovens de baixa renda, acesso à educação pelo lúdico, que é o ensino da música. A CNI acredita e investe no sucesso do projeto, que já tem reconhecimento internacional. É preciso multiplicar, no País, experiências como a da Orquestra, pois, sabemos todos, a educação de qualidade é a base da prosperidade de qualquer nação."

A renovação comprova a história de parceria estabelecida entre Orquestra e CNI. A Confederação, por meio do então presidente, Armando Monteiro Neto, doou, na inauguração do projeto, toda a mobília e instrumentos de corda. Ainda na gestão de Armando Monteiro, começou a aportar recursos de forma paulatina. No ano passado, na solenidade de lançamento da Orquestra Jovem Criança Cidadã, foi assinado convênio para que o apoio se tornasse permanente, direcionado à manutenção do projeto.

Rafael Lucchesi fala, aqui, sobre a renovação da parceria e o envolvimento da CNI com outras ações sociais de sucesso.

REVISTA CRIANÇA CIDADÃ – Nossa cota de patrocínio foi renovada recentemente, o que nos deixa muito felizes. Os senhores poderiam explicar o motivo do patrocínio?

RAFAEL LUCCHESI – O Sistema Indústria, integrado pela CNI, o Sesi, o Senai e o IEL, incentiva e apoia a responsabilidade social empresarial. Entendemos que o Brasil só consolidará sua presença entre as maiores economias do mundo se investir no futuro das nossas crianças e dos nossos jovens, proporcionando, a eles, educação de qualidade e melhoria das condições de vida. Ao patrocinar a Orquestra Criança Cidadã, projeto socioeducativo voltado a crianças e jovens de uma comunidade de Pernambuco, cumprimos esse propósito.

RCC – A CNI é nossa parceira desde a fundação da Orquestra Criança Cidadã, em 2006. O que vem impulsionando a CNI a contribuir com o projeto?

R.L. – Há seis anos, o projeto Orquestra Criança Cidadã oferece uma importante contribuição ao promover a inclusão social de crianças e jovens do Coque, conhecido por ser um dos bairros mais violentos e de menor Índice de Desenvolvimento Humano da região. O ensino da música, aliado a outros projetos educativos, como apoio pedagógico e aulas de informática e de idiomas, ajuda as crianças e os jovens a adquirirem novos conhecimentos de forma lúdica, inovadora e realmente eficaz na sua preparação para o mundo do trabalho. Tanto que a Orquestra Criança Cidadã é reconhecida em todo o Brasil e em outros países. Uma iniciativa tão importante como essa precisa contar com recursos financeiros de forma continuada e segura para manter suas atividades e beneficiar centenas de jovens e crianças de forma estruturada e planejada.

RCC – A CNI apoia outras ações sociais?

R.L. – A principal ação do Sistema Indústria, para oferecer um futuro melhor aos nossos jovens, é a oferta de cursos gratuitos de formação profissional nas escolas do Senai. São cursos de curta, média e longa duração que preparam os estudantes para o mercado de trabalho. Além disso, a CNI mantém um programa de voluntariado em que incentiva e oferece suporte ao trabalho voluntário de seus funcionários. Outras iniciativas importantes são a *Ação Global* e o *Esporte Cidadania*, realizados pelo Sesi em parceria com a Rede Globo. Esses dois programas oferecem a oportunidade de participar de ações de promoção à cidadania um dia no ano, como atualização de documentos, atendimentos médico e odontológico, minicursos e atividades esportivas, entre outros. É também uma ação relevante o *Programa Vira Vida*, conduzido pelo Conselho Nacional do Sesi, voltado para oferecer educação a jovens em situação de risco.

RCC – Então, é diretriz da CNI o investimento em projetos sociais?

R.L. – Sim, a responsabilidade social empresarial como um todo, o que inclui investimentos em projetos sociais de forma estratégica, é uma diretriz da CNI. Tanto que a entidade não apenas apoia, mas incentiva a atuação empresarial responsável, que tem como base uma visão de longo prazo e focada na sustentabilidade, que inclui, simultaneamente, as perspectivas de crescimento econômico, a proteção ambiental e a equidade social, dando especial atenção à qualidade do ambiente de trabalho nas empresas.

FOTO: MIGUEL ÂNGELO

LUCCHESI: CNI APOSTA EM PROJETOS SOCIAIS ATRAVÉS DO INVESTIMENTO ESTRATÉGICO

ARTIGO

O Memorial da Cidadania

POR NILDO NERY DOS SANTOS
PRESIDENTE DA ABCC

Por demais sinuosa é a trajetória da cidadania. Ela está em permanente construção. Essa história se confunde com os caminhos dos Direitos Humanos, havendo um estreito relacionamento entre cidadania e a luta pelos direitos essenciais, como a liberdade, a dignidade e a igualdade.

Os primeiros conceitos de cidadania surgiram na Grécia, onde só uma classe exercia a plenitude do direito. Somente a partir das reformas do legislador grego Clístenes (509 a.C.), ela foi estendida aos demais homens atenienses, tendo abolido os privilégios decorrentes de nascimento, religião ou política. Aos cidadãos de Atenas, eram reservados os direitos políticos. Em Roma, igualmente, a cidadania também era atribuída a um grupo restrito, os patrícios, que gozavam de todos os privilégios cíveis e religiosos.

A distância entre patrícios e plebeus foi reduzida no ano de 450 a.C., com a Lei das Dose Tábuas. Em 212 d.C., o imperador romano Caracala concedeu a cidadania a quase todos os habitantes do império. Seguindo esse exemplo, a doutrina Cristã pregou a liberdade e igualdade de todos os homens, além da unidade familiar. Isso provocou transformações radicais no conceito de cidadania.

No período medieval, houve um retrocesso trazido pelo feudalismo, modo de produção da época. Esse fenômeno aconteceu a partir da índole hierarquizada das estruturas em classes sociais. A cidadania só voltou a ser sonhada com a Declaração dos Direitos Humanos e com a Revolução Francesa.

Escreveu-se, na Declaração Universal dos Direitos (1948), que "toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal". Na realidade, há uma luta cotidiana para que esses direitos sejam efetivados.

Todos nós podemos contribuir para a construção da cidadania. Há um pronunciamento da Madre Tereza de Calcutá que nos deve servir de espelho. "Sei que meu trabalho é uma gota no oceano. Mas, sem ele, o oceano seria menor."

É certo que, isoladamente, nada podemos fazer de significativo. Porém, unindo forças, a transformação acontecerá. Em nossa entidade, o trabalho é realizado em equipe e através de parcerias. A generosidade dividida tem iluminado a nossa caminhada, colocando as pessoas certas para contribuir com a cidadania de centenas de crianças — que encontram, na Orquestra Criança Cidadã e no Espaço Dom Helder Camara, uma porta de saída para os caminhos da vida.

A abnegação dos coordenadores João José Rocha Targino e Nair Andrade tem atraído importantes colaboradores. Entre esses parceiros, estão a Presidência da República, o Exército Nacional, universidades, igrejas, imprensa, o terceiro setor, empresários e organizações não governamentais. É gratificante ver tantas crianças sorridentes caminhando para a cidadania, através da música, dos desportos e de cursos profissionalizantes.

Deus proteja a todos.

ENTREVISTA I MARIA DE LOURDES ARAÚJO

Unimed Recife renova parceria com Orquestra

Presidente da cooperativa fala sobre a parceria que renova contribuição com o projeto social: o convênio médico para os 130 meninos do Coque

O convênio da Orquestra Criança Cidadã com o grupo Unimed Recife ganhou continuidade neste ano. Cerca de 130 meninos do projeto são atendidos, desde 2008, com plano de saúde médico e odontológico. Os jovens têm direito a cirurgias, emergência ambulatorial e consultas em diversas especialidades. A revista *Criança Cidadã* conversou com a presidente do grupo Unimed Recife, Maria de Lourdes Araújo, sobre o convênio com o projeto e a importância de ser solidário.

REVISTA CRIANÇA CIDADÃ – Quando começou a parceria entre Unimed Recife e a Orquestra Criança Cidadã?

Maria de Lourdes Araújo – A parceria começou no ano de 2008. Há quatro anos, contribuímos com a Orquestra, mas, em minha opinião, as crianças do projeto é que nos ajudam, despertando a solidariedade em todos que estão envolvidos nas causas pela infância e juventude.

RCC – Quais são os frutos concretos do convênio?

ML – Os resultados alcançados são bastante positivos. Da nossa parte, a cada dia, podemos despertar a consciência de que temos capacidade de ser solidários, de agir em favor do próximo. Eu acredito que a solidariedade é inerente à profissão médica. Também creio que um dos frutos concretos da nossa parceria é ver que a oportunidade do convênio melhora, de fato, a qualidade de vida das crianças e dos adolescentes.

RCC – Quais as especialidades médicas mais procuradas pelos jovens do projeto?

ML – O que os jovens da Orquestra mais utilizam na Unimed é o plano odontológico. O mais interessante é que eles não usam só para fins estéticos, como o uso de aparelhos de correção dentária, mas a procura maior é por tratamentos de saúde bucal, como eliminação de cáries. Outras especialidades que têm uma grande busca são as áreas de psicologia e nutrição.

FOTO: DEVANYSE MENDES

JOÃO TARGINO, COORDENADOR GERAL DA ORQUESTRA; NILDO NERY, PRESIDENTE DA ABCC; E MARIA DE LOUDES ARAÚJO, RODEADOS PELOS MENINOS DO COQUE NO DIA DA RENOVAÇÃO DA PARCERIA DA UNIMED RECIFE

RCC – Há algo especial no atendimento aos meninos da Orquestra?

ML – Todos os nossos profissionais levam em consideração o ambiente em que os garotos vivem, pois esse fator explica vários tipos de enfermidades que eles possam vir a ter e as melhores formas de tratamento. Por exemplo, nossos nutricionistas, quando atendem os meninos, explicam que nem sempre os alimentos mais caros são os mais saudáveis. Eles também ensinam as mães a fazerem refeições ricas em proteínas e vitaminas, utilizando alimentos saborosos e acessíveis ao bolso das famílias.

RCC – Muitas empresas contribuem com instituições de cunho social sem fins lucrativos. Em sua opinião, como deve ser essa contribuição?

ML – Acho que não só as empresas, mas qualquer pessoa que possa contribuir com a melhoria da sociedade devem começar pela educação. Só o conhecimento modifica as pessoas. Investir na educação é fazer uma sociedade melhor. Grande parte da população brasileira é formada por classes médias e baixas. Educar essas massas significa diminuir os índices de violência e dar perspectiva de futuro aos nossos jovens.

RCC – Quais são suas expectativas com a renovação da parceria?

ML – Espero que esse convênio se estenda por muitos anos. Desejo que as pessoas que estejam à frente da Orquestra Criança Cidadã, como o desembargador Nildo Nery e o juiz João Targino, além dos professores e funcionários, continuem plantando esta semente de esperança na vida dos meninos. O trabalho realizado na Orquestra promove o aprendizado e a transformação social, visíveis a cada apresentação desses jovens.

OLIMPÍADAS CRIANÇA CIDADÃ

Festividades marcam fim de competição

Estudantes de 18 escolas públicas participaram do evento de encerramento dos jogos olímpicos Criança Cidadã, que premiou vencedores com 462 medalhas e 15 troféus

FOTO: DEVANYSE MENDES

As Olimpíadas Criança Cidadã movimentaram os meses de maio e junho na Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC). Depois de 15 dias de competições esportivas que mobilizaram 1.500 alunos de escolas públicas, a cerimônia de encerramento ocorreu na quadra da Secretaria Estadual de Educação e premiou os vencedores com 462 medalhas, entre ouro, prata e bronze, além de 15 troféus. O projeto foi idealizado pela ABCC, em parceria com a Secretaria de Educação e o Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE).

Em clima de comemoração, estudantes das 18 escolas públicas participantes lotaram as arquibancadas do ginásio poliesportivo da Secretaria de Educação do Estado para prestigiar os campeões das oito modalidades inscritas no evento. Durante as festividades de encerramento, o presidente da ABCC, desembargador Nildo Nery, agradeceu a participação e o empenho dos atletas junto às escolas. "Vamos celebrar o desempenho positivo dos competidores. Sinto-me gratificado em ver a felicidade estampada

em cada um desses rostos e confirmar, assim, o poder de transformação social dos esportes", disse.

O juiz da Vara da Infância e Juventude, Paulo Brandão, auxiliou na seleção das escolas participantes. Todas as instituições que competiram estão localizadas em comunidades carentes, expostas à violência. "A proteção aos jovens está garantida na Constituição, mas esse compromisso deve ir além do papel. As Olimpíadas Criança Cidadã mostraram que os jovens e adolescentes devem ser a prioridade máxima do nosso país", reforçou.

Mesmo com o encerramento da edição 2012 das Olimpíadas Criança Cidadã, a busca pela formação de parcerias continua. No dia 8 de agosto, o juiz Paulo Brandão se reuniu com o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, a fim de buscar apoio para dar continuidade ao evento. Na ocasião, o juiz apresentou as estatísticas das Olimpíadas Criança Cidadã 2012 e as propostas para as próximas edições do projeto.

BOLSAS DE ESTUDO E CURSOS PARA OS MELHORES ATLETAS

Os atletas destaques das Olimpíadas receberam, durante a cerimônia, uma bolsa de estudo na central de ensino profissionalizante Prepara. A empresa Be-a-Byte também ofereceu gratuitamente cursos de informática aos estudantes que participaram das Olimpíadas e aos que estão matriculados em escolas que possuem Comitês de Mediação de Conflitos em funcionamento.

EXEMPLO DE SUPERAÇÃO

A Escola Nossa Senhora da Conceição, localizada na comunidade do Bode, Zona Sul do Recife, não ganhou nenhum jogo da competição, mas surpreendeu a todos com a garra e os desafios enfrentados para participar das Olimpíadas. A instituição passou por inúmeras dificuldades e quase foi fechada. O apoio da ABCC e do projeto *Escola Legal* foi fundamental para reverter o quadro negativo do ambiente de ensino. Professores e alunos também superaram os problemas para se manter na competição.

"A alegria de participar era contagiante. Eles deram uma aula de espírito esportivo, mostrando que o importante é competir. A autoestima dos jovens foi renovada. Hoje eles sabem que podem ser melhores", afirmou a professora Núbia Torres. "Acredito que um dos objetivos das Olimpíadas foi incentivar o protagonismo juvenil, pois os jovens serão responsáveis por propagar os valores compartilhados durante os jogos nas suas comunidades", explicou a representante da Secretaria de Educação do Estado, Roberta Kacowicz.

FOTO: DEVANYSE MENDES

PARCEIROS DAS OLIMPÍADAS HOMENAGEARAM OS PARTICIPANTES DO EVENTO

VITÓRIA

De Criança Cidadã a medalhista

A pentatleta pernambucana Yane Marques, que se destacou nas Olimpíadas Criança Cidadã 2001, brilhou nos Jogos Olímpicos de Londres 2012, conquistando a medalha de bronze. Yane conta que a trajetória não é fácil, mas vale a pena

FOTO: DIVULGAÇÃO

BRONZE COM GOSTO DE OURO: COM A CONQUISTA, YANE CHEGOU AO SEGUNDO LUGAR NO RANKING MUNDIAL DO PENTATLO MODERNO

O Brasil conquistou 17 medalhas nos últimos jogos olímpicos, realizados em Londres, de 25 de julho a 12 de agosto. Ficando com a 22ª colocação no quadro geral de medalhas, uma posição acima da alcançada nas Olimpíadas de Pequim (2008), os atletas brasileiros levaram a bandeira do País ao lugar mais alto do pódio três vezes — as demais premiações foram cinco de prata e nove de bronze. Embora os ouros tenham brilhado no peito de Sarah Menezes (judô), Arthur Zanetti (ginástica artística) e das atletas da seleção feminina de vôlei, um grande destaque foi Yane Marques, que alcançou o bronze no pentatlo — modalidade olímpica que inclui corrida, hipismo, natação, esgrima e tiro.

Sendo a única representante do Brasil na modalidade, a atleta pernambucana trouxe a primeira medalha olímpica do pentatlo e passou, com isso, para o segundo lugar no ranking mundial do esporte, segundo a União Internacional de Pentatlo Moderno (UIPM). Antes de Londres, ela ocupava o terceiro lugar. Atualmente, Yane só fica atrás de Laura Asadauskaite, da Lituânia. Por trás de tantas conquistas e do pioneirismo da atleta, há uma trajetória de muita força de vontade e luta.

"Eu nunca tinha ouvido falar sobre isso, nunca tinha atirado ou praticado esgrima, mas achei a proposta interessante e minha família sempre me apoiou, então

resolvi aceitar o desafio", diz Yane. Ela também conta que, por ter vindo do interior, as pessoas tendem a pensar que ela passou por dificuldades financeiras extremas, o que não é verdade. "Minha família nunca passou fome nem nada parecido. Eu estudei em escola pública e tudo, mas nossas dificuldades não eram absurdas", explica. Em 2009, a afogadense entrou para o exército e a situação melhorou.

Depois de muito treino e dedicação, Yane Marques passou a ser um nome reconhecido no mundo esportivo nacional e internacional, acumulando títulos importantes, como ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007; prata nos Jogos de Guadalajara, no México, em 2011; e, recentemente, o bronze nos Jogos Olímpicos de Londres, se tornando a primeira brasileira medalhista olímpica no pentatlo moderno. No Brasil, é a maior referência da modalidade, tendo vencido sete vezes o campeonato nacional e seis vezes o sul-americano.

Sobre os rumores de que estaria para deixar o esporte, a atleta diz que é uma possibilidade, sim. "Eu tinha pensado em já nem competir nas Olimpíadas de Londres, mas resolvi continuar por mais um tempo. Em 216 — quando acontecerão os próximos jogos olímpicos, no Brasil —, eu estarei com 32 anos, vinte dos quais dedicados quase exclusivamente ao esporte, então talvez seja a hora de começar a pensar em outros planos", afirma. Por hora, no entanto, Yane conta que continuará respirando e vivendo para buscar melhores resultados nas próximas competições. Os brasileiros agradecem.

Como profissional de Educação Física, ela pretende, ao se aposentar do pentatlo, investir parte do tempo em projetos de inclusão social, como o promovido pela ABCC e do qual ela já fez parte antes do sucesso. Para Yane, a experiência vivida nas Olimpíadas Criança Cidadã foi muito enriquecedora, não só do ponto de vista profissional, mas também pessoal. "O esporte é uma ferramenta muito boa, que, por si só, educa. Praticando atividades esportivas, a gente aprende valores como respeito, compromisso, responsabilidade, disciplina. Mesmo que não haja interesse em seguir a carreira de atleta, um jovem aprende que é preciso esforço para alcançar os objetivos que a gente traça na vida", comenta.

Iniciativas sociais de inclusão através do esporte também são importantes porque a mídia que bate nesses eventos pode ajudar a descobrir novos talentos. Mas Yane alerta, para quem sonha em ser atleta profissional, que é preciso muito comprometimento e dedicação. "Temos que acreditar no trabalho que está sendo feito porque os resultados vêm em longo prazo. Por exemplo, se eu não faço os exercícios que meu treinador me passa porque, ao final de uma semana, eu não vi melhora, ou por achar que não fará diferença, é melhor nem treinar, não é assim que funciona. O esporte profissional exige dedicação exclusiva", desabafa.

> "Pior foi ter perdido ocasiões importantes com a família; é terrível, mas se é questão de sonho, vale a pena"
>
> (Yane Marques)

Apesar de ter tido muita dificuldade por falta de apoio e patrocínio em sua carreira, a medalhista olímpica brasileira diz que o momento vivido pelo pentatlo brasileiro é de evolução. "Hoje, está mais fácil, mas é preciso muito mais. Mais estrutura, mais investimento, porque as chances de se formarem talentos aumentam se há mais gente praticando o esporte. Em 2016, provavelmente já haverá mais atletas representando o Brasil nas Olimpíadas", afirma Yane.

Entre a corrida, o hipismo, a natação, a esgrima e o tiro, Yane Marques prefere o hipismo e diz que, para se aperfeiçoar nas cinco modalidades, já teve que perder vários momentos de família e de diversão. "Nem lembro qual foi a última vez que pude ir ao Carnaval de Olinda, mas pior foi ter perdido as bodas de diamante dos meus avós, o casamento da minha irmã, o nascimento do meu sobrinho e tantas outras ocasiões importantes com a família. Tudo isso porque estive treinando fora nas datas, é terrível, mas se é questão de sonho, vale a pena", completa.

CAIXA

O banco que acredita nas pessoas

ORQUESTRA CRIANÇA CIDADÃ

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

COLUNA

Criança Cidadã Indica

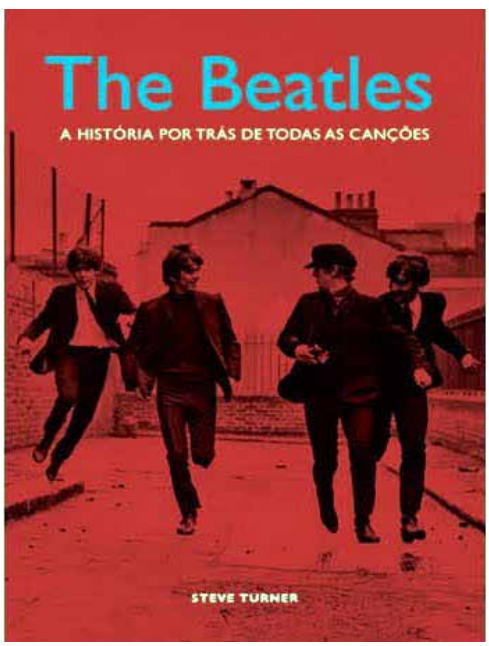
A arte tem o poder de levar as pessoas a outros universos. Ler um livro, ver um filme, ouvir uma música é proporcionar, a si mesmo, a dádiva do conhecimento. Faça você também esse passeio pela cultura.

LIVROS

Figuras do Feminino na Canção de Chico Buarque

Autora: Adélia Bezerra de Menezes
Gênero: Poesia - Música
Onde comprar: Livraria Cultura, site de compras Submarino
Preço: R$ 55 / R$49,41

Sinopse: O cantor e compositor Chico Buarque, um dos grandes artistas brasileiros da atualidade, conseguiu retratar as particularidades da alma feminina. *Figuras do Feminino nas Canções de Chico Buarque* traz uma análise social e psicológica das várias faces da mulher. O livro traça perfis das relações entre as cidades, os contextos históricos e os sentimentos femininos diante dos acontecimentos, além de dialogar entre a mulher das obras do compositor e as pinturas de DiCavalcanti, Ismael Nery, Vicente do Rêgo Monteiro e Volpi, entre outros.



The Beatles - A História por Trás de Todas as Canções

Autor: Steve Turner
Gênero: Artes - Música
Onde comprar: Livrarias Cultura e Saraiva, site de compras Submarino
Preço: R$ 49,90 / R$ 39,90

Sinopse: O livro do jornalista britânico Steve Turner traz uma compilação de 208 músicas e conta as histórias sobre a criação de cada uma, com ênfase aos anos 60. O enredo mostra como as letras se encaixam ao cotidiano dos músicos, apropriando-se de frases ditas no dia a dia e relatando momentos históricos pouco tratados pela mídia da época. O livro traz mais de 100 ilustrações coloridas ao longo das 380 páginas.

CDs

Concerto - One Night in Central Park
Artista: Andrea Bocelli
Gravadora: Universal Music
Categoria: Música Clássica/Orquestral (Concerto/Sinfonia)
Este disco foi gravado durante o show *One Night in Central Park* e é uma das obras mais aclamadas de Andrea. Com cerca de 60 mil pessoas na plateia, o espetáculo do tenor é marcado por canções imortalizadas e duetos memoráveis com Celine Dion, Tony Bennett, Bryn Terfel, Chris Botti, entre outros.

Classical 2012 - Coletânea
Gravadora: Universal Music
Categoria: Música Clássica/Instrumental (Piano/Violino)
Esta compilação traz artistas como a soprano Anna Netrebko, o pianista Lang Lang, os tenores Jonas Kaufmann e Joseph Calleja, e a sensação Gustavo Dudamel. São dois CDs com peças maravilhosas que prendem a atenção de quem ouve, do começo ao fim.

DVD

De Tanto Bater o Meu Coração Parou
Direção: Jacques Audiard
Gênero: Drama

Sinopse: O filme conta a história do jovem Thomas Seyr (Romain Duris) que pretende seguir carreira no agressivo mundo imobiliário. No entanto, o destino o leva a outros caminhos, e ele decide conciliar o trabalho com a carreira de pianista, seguindo os passos artísticos da mãe. Esforçado, Thomas estuda para fazer uma audição com uma pianista chinesa, mas a pressão do trabalho imobiliário dificulta a realização do seu sonho, mostrando que os problemas são maiores do que ele pode imaginar.

NOVIDADE

Primeira escola de lutheria de PE é inaugurada

Novo curso de profissionalização promovido pela Orquestra Criança Cidadã ajuda a preservar ofício dos artesãos de instrumentos musicais, que está quase em extinção

A Orquestra Criança Cidadã (OCC) inaugurou, no dia 10 de setembro, a primeira Escola de Formação de Luthier e Archetier de Pernambuco e uma das poucas do Brasil. A iniciativa partiu do fundador e coordenador da Orquestra, juiz João Targino, e visa não apenas oferecer um curso único de profissionalização para os adolescentes do Coque, mas também a preservação de um ofício que está quase extinto em todo o mundo: o do luthier e do archetier.

FOTO: MILTON RAULINO

ALÉM DE AULAS DE MÚSICA, MENINOS DO COQUE APRENDERÃO A ARTE DE CONSTRUIR INSTRUMENTOS DE CORDA

"Três fatores foram fundamentais para a concepção da ideia de viabilizar a Escola: o fato de que nós dispúnhamos das condições físicas e humanas necessárias, a percepção de que o Coque é um celeiro de grandes talentos sem oportunidades e o desejo de evitar a extinção de profissões tão raras e, ao mesmo tempo, essenciais", explicou Targino.

Para quem nunca ouviu falar de tais profissões, pode-se dizer que o luthier é o responsável pela construção, reparo e manutenção dos instrumentos de corda em si, e o archetier tem as mesmas funções em relação ao arco — a haste com que o músico toca o instrumento. "O arco transmite a vibração do som para o músico. Sem um bom arco, não adianta ter um excelente instrumento em mãos. É como se fosse um meio instrumento", explica Júlio Rocha, luthier e um dos professores da nova escola.

Representantes de empresas e instituições parceiras da Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC) e da Orquestra estiveram presentes no Quartel do Cabanga

FOTO: MILTON RAULINO

FOTO: MILTON RAULINO

INAUGURAÇÃO DA LUTHERIA DA ORQUESTRA CONTOU COM SOLENIDADE REPLETA DE AGRADECIMENTOS, ALÉM DE CONCERTO COM MÚSICOS DO PROGRAMA E CORTE SIMBÓLICO DA FAIXA

— sede do programa — para prestigiar a cerimônia de inauguração. Entre eles, o general Aguiar, comandante da 7ª Região Militar e 7ª Divisão de Exército; Cláudio Costa, presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; e Anderson Gomes, secretário de Educação do Estado.

"Ao mesmo tempo em que temos obrigação de defender a pátria, também procuramos dar apoio cívico e social às comunidades que necessitam de atenção. Por isso, é um prazer imenso estar aqui hoje ao lado da ABCC, de Nildo Nery e João Targino, incentivando a expansão do trabalho realizado na Orquestra Criança Cidadã", afirmou o general Aguiar.

Em fala objetiva, porém marcante, o desembargador Nildo Nery, presidente da ABCC, emocionou o público em agradecimento ao alcance de mais uma conquista. "Deus fertilizou este solo para formar profissionais competentes a partir de um projeto que só se sustenta graças à vontade Dele e à união de pessoas que querem fazer bem aos jovens do novo Coque", declarou.

Se, para o magistrado, a satisfação de ver a Escola iniciando suas atividades não tem tamanho, para João Batista, 85, e Júlio Rocha, 45, archetier e luthier da Orquestra, respectivamente, e professores do novo curso, a sensação é de um pai que ensina ao filho o que sabe fazer de melhor. "Eu aprendi a ser luthier e archetier com muita dificuldade, dignidade, dedicação e amor. Passar para esses meninos o que eu aprendi ao longo de uma vida é realização pessoal e uma grande oportunidade de não deixar o ofício se extinguir. Espero que eles se tornem excelentes profissionais, melhores do que eu, inclusive", confessa João, que trabalha na OCC há seis anos, desde que o programa foi criado.

Os seis alunos selecionados para a primeira turma do curso moram na comunidade do Coque, têm entre 15 e 17 anos, estão matriculados na rede regular de ensino público, apresentam boa frequência e boas notas e fizeram uma avaliação de português e matemática. Além disso, a aptidão física dos adolescentes também foi observada, pois, segundo Júlio Rocha, é preciso força e poder de concentração para estudar lutheria e archeteria.

Durante cinco anos, eles vão aprender a construir e consertar instrumentos de corda e arcos. Dependendo da disposição e força de vontade dos aprendizes, no entanto, os primeiros instrumentos já poderão ser

fabricados em menos tempo. “Se eles se esforçarem e se dedicarem, acredito que é possível ter um cavaquinho — primeiro instrumento a ser construído pelos meninos na Escola — finalizado após um ano de curso”, afirmou Júlio.

A estudante Priscila Araújo, 16 anos, já havia feito teste para a Orquestra em 2009 e teve contato com instrumentos de percussão. Na ocasião, a jovem não conseguiu alcançar os objetivos como instrumentista. A oportunidade de integrar o projeto através da Escola de Lutheria surgiu como uma nova chance para Priscila estar mais perto da música que tanto admira. “Eu pretendo me dedicar, prestar atenção nas aulas e, quem sabe, conseguir construir um violino para minha irmã, que faz parte da Orquestra, poder tocar”, afirma a estudante.

Juliane Sotero, 15, ficou sabendo da seleção para o curso de lutheria através da coordenadora pedagógica da Orquestra Cidadã, Janayna Mendes. “A professora foi até o meu colégio e falou sobre a nova Escola. Eu me interessei bastante, pois tinha muita vontade de fazer parte do projeto”, explica a garota.

A música já fazia parte da vida de Juliane, que aprendeu a tocar violão há poucos meses e, agora, enxerga uma nova oportunidade para concretizar seus sonhos. “Eu quero muito aprender a transformar madeira em instrumentos musicais. Quando eu estiver bem preparada no curso de lutheria, quero construir um violão com minhas próprias mãos e poder tocá-lo”, completa.

FOTO: MILTON RAULINO

DESCOBERTA DE PLACA INAUGURATIVA SIMBOLIZOU O INÍCIO DAS ATIVIDADES DA ESCOLA DE LUTHERIA

FOTO: MILTON RAULINO

AULAS DA ESCOLA FORMADORA DE LUTHIER E ARCHETIER SÃO MINISTRADAS POR JOÃO BATISTA E JÚLIO ROCHA

UMA ESCOLA QUE CHEGA EM BOA HORA

A Escola de Formação de Luthier e Archetier chegou em boa hora. Além de haver poucos luthiers e archetiers no Brasil e no mundo, o mercado de instrumentos musicais está se aquecendo e, com isso, a demanda cresce. E as primeiras parcerias já estão firmadas. Uma empresa japonesa que fabrica instrumentos musicais dará suporte financeiro para a Escola e, em contrapartida, os instrumentos produzidos pelos adolescentes do Coque serão enviados ao Japão.

Nenhum esforço foi poupado na implantação da Escola; as melhores máquinas, ferramentas e matérias-primas estão à disposição dos aprendizes, tudo em prol do aproveitamento máximo da mão de obra especializada a ser formada e dos instrumentos a serem fabricados. “Nós buscamos as melhores fontes para montar a Escola. Máquinas e ferramentas foram compradas dos Estados Unidos, da Áustria, da Eslováquia e da Itália, países de referência mundial na produção desses instrumentos”, afirma o coordenador da OCC, João Targino.

“Concluímos, hoje, o árduo trabalho de sete meses (de preparação das instalações e seleção dos alunos). Acreditamos que vamos colher os frutos desse trabalho dentro de um tempo breve e apostamos no interesse dos jovens, porque nada será possível sem isso”, comentou o luthier Júlio no evento de inauguração da Escola.

As aulas serão divididas entre a prática e a teoria. João Batista explica que irá usar pontos do método Suzuki para despertar o interesse dos alunos pelas aulas. "Vamos mostrar as ferramentas, como elas devem ser utilizadas e, enquanto eles forem tendo contato com os instrumentos de trabalho, eu vou falar sobre teoria. Acredito que isso despertará o interesse dos alunos para pesquisar sobre lutheria e archeteria", explica.

Junto ao luthier e professor da Orquestra Criança Cidadã, há uma equipe de profissionais, colaboradores e instituições que também apoiam e acreditam nesse novo programa. É o caso de Cláudio Costa, presidente da igreja dos mórmons, que acompanha o trabalho da Orquestra desde o seu início e se impressiona com o desenvolvimento técnico-musical dos meninos a cada vez que visita a sede da Orquestra. "O que eu vejo nesses jovens músicos é que (através do programa) eles aprendem o que verdadeiramente são: filhos de Deus e cidadãos de primeira", disse. E completou: "Enquanto existir o mundo, nós (da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) estaremos dando apoio a esse trabalho".

O secretário de Educação afirmou, por sua vez, que é muito louvável a iniciativa da Orquestra Criança Cidadã, pois os jovens precisam ser incentivados a buscarem uma vida melhor com as ferramentas que lhes são disponibilizadas. "Antes de chegar nesta solenidade, eu pesquisei o significado das expressões luthier e archetier, pois para mim eram novas, como acredito que sejam para esses meninos. Eu torço para que eles se tornem exemplo para outros jovens e sintam orgulho deles mesmos", afirma.

Anderson Gomes também comentou que as ações realizadas pela Orquestra abrem portas para um futuro promissor e possibilitam que os jovens sejam reconhecidos por seu trabalho. "Esse projeto faz com que os integrantes sejam vistos por grandes nomes da música erudita pernambucana e tenham espaço para mostrar a capacidade que eles possuem", completa.

A torcida e o apoio vêm de todas as partes. Cada novo programa que abre portas e oportunidades para quem precisa é muito bem-vindo. E nisso, a ABCC e a Orquestra Criança Cidadã estão ficando craques.

ILUSTRAÇÃO: CAMILLE NASCIMENTO

LUTHERIA E ARCHETERIA - A ARTE DA CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DE INSTRUMENTOS E ARCOS

A magia da música é transmitida através dos instrumentos, que são o canal para essa forma de expressão. Para que se realizem as grandes apresentações, dois profissionais entram em cena nos bastidores das orquestras: o luthier e o archetier. Essas profissões, hoje raras, surgiram em meio à era Renascentista, na Europa do século 15, e concentram suas atividades na construção e no reparo de instrumentos de corda e madeira.

A raiz da palavra lutheria vem de *luth*, que significa *alaúde* em português, um instrumento bastante utilizado nos grandes saraus europeus. Instrumentos como violão, viola e bandolim surgiram a partir do alaúde e foram criados pelos luthiers. Já a archeteria é uma ramificação do ofício de luthier e se encarrega da fabricação de arcos para instrumentos eruditos, como violino, violoncelo, viola e contrabaixo.

O luthier mais experiente da Orquestra Criança Cidadã é João Batista. Ele tem 85 anos de idade e 60 de profissão. Desde a infância, o luthier convive com o ofício — praticado por um tio que construía rabecas no município de São Joaquim do Monte, agreste pernambucano. Aos 21 anos, João Batista construiu sua primeira rabeca; os demais instrumentos vieram naturalmente depois. Atualmente, João também é archetier e modela os arcos usados pelos meninos da Orquestra Cidadã.

Júlio Rocha é luthier da Orquestra e está no projeto há um ano e cinco meses. Ele explica que é necessário ter responsabilidade, atenção e paciência para desenvolver as aptidões necessárias e trabalhar na fabricação e reparo dos instrumentos de corda.

"A capacidade de concentração também é a chave para ser um bom luthier. Se os alunos não conseguirem se concentrar, eles não vão produzir nada. Por isso, nas aulas, nós vamos incentivá-los a serem mais atenciosos com os instrumentos que vão produzir", conclui.

CURIOSIDADE:
A MAGIA DOS STRADIVARIUS

Muitas histórias e lendas rondam o universo musical acerca dos violinos Stradivarius. Esses instrumentos de sonoridade rara e visual sutilmente elaborados são o sonho de consumo de qualquer violinista. O luthier Antonio Stradivari nasceu em 1644 e viveu 93 anos, dos quais 70 foram dedicados à fabricação de instrumentos de corda.

Os violinos de Stradivari absorveram toda a tradição de Cremona — cidade natal do artista e berço da lutheria mundial — em sua fabricação. Em 1968, o artesão começou a produzir um tipo de violino maior e com o som mais encorpado. Todos queriam saber o segredo da construção daqueles violinos tão especiais, mas o luthier só revelava que a diferença era a quantidade do verniz que ele utilizava, que era misturado a um corante.

No entanto, apesar das especulações da época, as propriedades acústicas dos instrumentos estão mais ligadas a outros aspectos objetivos do que à química envolvida durante a produção. Os desejados Stradivarius teriam recebido uma ajuda da natureza e adquirido características acústicas incomparáveis.

FOTO: REPRODUÇÃO DA INTERNET

VIOLINO STRADIVARIUS FABRICADO EM 1716

Segundo pesquisadores de Cremona, na época em que os instrumentos foram produzidos, houve um inverno rigoroso que deixou a fibra das árvores mais rígidas e compactas. Dessas árvores, foi extraída a madeira para a fabricação dos violinos e violoncelos. Antonio Stradivari uniu as formas delicadas, o verniz e a qualidade da madeira para fabricar um verdadeiro tesouro musical.

PRESENTE PARA A ORQUESTRA - A Orquestra Criança Cidadã recebeu um presente ilustre no dia 14 de setembro: um violino alemão semelhante ao Stradivarius, fabricado há 90 anos. A empresária Jandyra Alves Lima foi a responsável pela doação. O instrumento foi dado a Jandyra pelo pai ainda na infância. Ele foi usado por 10 anos e ficou guardado durante seis décadas até ganhar um novo lar. O luthier Júlio Rocha, da Orquestra, vai revitalizar o instrumento para depois disponibilizá-lo a um aluno do projeto social.

EXPANSÃO

Orquestra ganha núcleo de sopro

Com novo naipe, composto por instrumentos de sopro, como flauta, fagote e oboé, a Orquestra Criança Cidadã receberá mais músicos e se tornará um conjunto de câmara

FOTO: ALEF PONTES

ENSINO DE FLAUTA TAMBÉM É UTILIZADO NAS AULAS DE INICIAÇÃO MUSICAL

Além da recém-inaugurada Escola de Lutheria, outra ampliação que chega em breve à Orquestra Criança Cidadã é o Núcleo de Sopro, composto de instrumentos como flauta transversa, oboé, clarinete, trompa e fagote. A ideia é elevar o grupo erudito ao nível de orquestra de câmara e programar atividades que possam atender a um número maior de crianças e adolescentes. Para alcançar os objetivos propostos, um auditório com capacidade para uma orquestra de até 80 músicos e seis novas salas de aula, com isolamento acústico próprio para turmas de sopro em madeiras e metais, estão sendo construídos.

O novo Núcleo de Sopro da Orquestra foi pensado para inserir uma classe de instrumentos que promovam uma conotação mais elaborada às peças musicais. As turmas de sopro serão compostas por 30 alunos no total. Todos os alunos serão oriundos da rede pública de ensino e devem residir na comunidade do Coque, no Recife. A seleção está sendo realizada pela coordenadora pedagógica do programa, Janayna Mendes.

Os professores dos instrumentos de sopro serão escolhidos através de uma banca composta pelo Conselho Administrativo e Pedagógico da Orquestra Criança Cidadã. Esse grupo é composto pelo coordenador geral, juiz João Targino; o representante administrativo, Eraldo Costa; o maestro Gustavo Ginés de Paco de Gea; e Janayna Mendes. Um grupo de professores também participará da seleção; entre eles, um representante do naipe de violinos; o professor João Pimenta, representando violoncelos e contrabaixos; o professor Audir Teodósio, representando os profissionais de teoria musical; além da presença dos representantes dos alunos, Jéssica Andrade e José Edson.

O auditório da segunda etapa da escola de música da Orquestra Criança Cidadã terá aproximadamente

200 m². João Targino explica que o programa está crescendo, por isso, é imprescindível uma estrutura que atenda às expectativas das realizações. "As ampliações visam atender a um número maior de crianças e adolescentes, além de promover serviços com a máxima excelência aos Meninos do Coque", comenta.

O desenvolvimento das aulas de sopro é diferenciado das aulas de instrumentos de corda. Segundo Janayna Mendes, os instrumentos de sopro têm uma intensidade maior do que outros. A acústica das salas será pensada para que o som da turma não interfira no desenvolvimento das outras aulas.

A inclusão das madeiras e dos metais de sopro no grupo também vai garantir a execução de um repertório maior, composto por peças mais elaboradas. "As ampliações advindas trarão um mundo novo de repertório para a Orquestra, além de possibilitar a execução de peças mais complexas. Os músicos de cordas e percussão também terão que interagir bem entre si e manter uma atenção maior com o grupo nos ensaios e apresentações", explica Gustavo Paco.

A FLAUTA E A INICIAÇÃO MUSICAL

A flauta doce é um dos instrumentos mais utilizados na prática da iniciação musical de crianças e jovens em todo o mundo e estará inclusa no Núcleo de Sopro. O trabalho iniciado pelo inglês Edgar Hunt na década de 1930 utiliza a flauta como parte integrante do processo de musicalização e atingiu grande eficácia, se tornando referência para o aprendizado musical.

Originária da cultura folclórica europeia, a flauta doce foi o instrumento musical mais utilizado durante a Idade Média. O som melodioso e a facilidade de manuseio favoreceram a sua difusão por todo o mundo. Pela construção rudimentar, a flauta é um instrumento que permite a emissão de som imediato; antes mesmo de compreender sua técnica, é possível produzir som. Na primeira aula, os alunos saem tocando, mesmo que seja apenas uma nota.

A professora de flauta doce da Orquestra Criança Cidadã, Lídia Oliveira, explica que, por ser um instrumento melódico, a flauta se torna muito eficiente no ensino de crianças e adolescentes. A prática da flauta auxilia no contato com a leitura musical, melhora a percepção de ritmo, melodia, ajuda na afinação, além de estimular a criatividade e a socialização.

Para Lídia, a associação entre teoria e prática através do uso da flauta doce promove um aprendizado mais rápido. "A utilização de qualquer instrumento traz benefícios ao aluno de iniciação musical, no entanto, a flauta doce é mais utilizada por suas facilidades. É um instrumento que possui baixo custo de aquisição, é portátil, flexível e resistente, sendo mais indicado na educação de crianças", afirma.

O tenor do Coral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPE) Carlos Robert aponta que a flauta foi indispensável no seu aperfeiçoamento de canto e coral. "A flauta teve uma grande influência no conhecimento que adquiri em relação à sonoridade suave das notas. O instrumento trouxe uma ótima afinação e facilidade na leitura das partituras. O meu gosto, minha vontade de aprender e querer me expressar através da música é influência da flauta", completa.

FOTO: REPRODUÇÃO DA INTERNET

FLAUTA DE OSSO

CANTO

O som que vem da alma

Considerada uma das artes musicais mais antigas, o canto, altamente subjetivo, mexe com a sensibilidade das composições e com as emoções dos homens. Assim como qualquer outro instrumento musical, cantar exige disciplina, técnicas e cuidados especiais

POR DEVANYSE MENDES

Umas das célebres frases do tenor Luciano Pavarotti diz que "o artista deve ter a música na cabeça e cantar com o corpo". No momento da execução de uma música cantada, vários elementos entram em comunhão: a voz, a respiração e a performance traduzem o sentimento da obra ao público. Por isso, apesar de o canto ser uma arte musical bastante popular e antiga, ele possui técnicas de estudo e de cuidados, da mesma forma que se tem com um instrumento musical.

Não se pode afirmar exatamente como a música nasceu. No entanto, as primeiras manifestações musicais eram cantadas, e, algum tempo depois, a música passou a fazer uso de instrumentos como forma de acompanhamento para a voz.

O historiador Roy Bennett, no livro *Uma Breve História da Música*, defende que a arte tenha surgido há aproximadamente 50 milhões de anos no continente africano. De acordo com estudos científicos, desde que o ser humano começou a se organizar em sociedades primitivas, a música era parte integrante do cotidiano dessas pessoas. O professor de Artes Cênicas da Prefeitura do Rio de Janeiro Lindomar Araújo, em artigo escrito ao site *Info Escola*, explica que, já na pré-história, o ser humano produzia uma forma de música que lhe era essencial. Era na arte que os homens encontravam um ambiente para projetar os desejos e sensações que lhe fugiam à razão.

Durante a Idade Média, a Igreja comandava a cultura e as decisões políticas e sociais de toda a Europa. Esse fator interferiu na produção musical da época. A música monofônica, que possui uma única linha melódica, sacra ou profana, é a mais antiga e conhecida pelas sociedades civilizadas. Porém, o estilo mais utilizado nas cerimônias católicas era o canto gregoriano.

Segundo Lindomar, o canto gregoriano foi criado antes do nascimento de Jesus Cristo e era executado nas sinagogas e países do Oriente Médio. Em meados do século 6, a Igreja Cristã tornou o canto gregoriano um elemento essencial para o culto. O nome é uma homenagem ao Papa Gregório I (540-604), que fez uma coleção de peças cantadas e as publicou em dois livros: *Antiphonarium* e as *Graduale Romanum*.

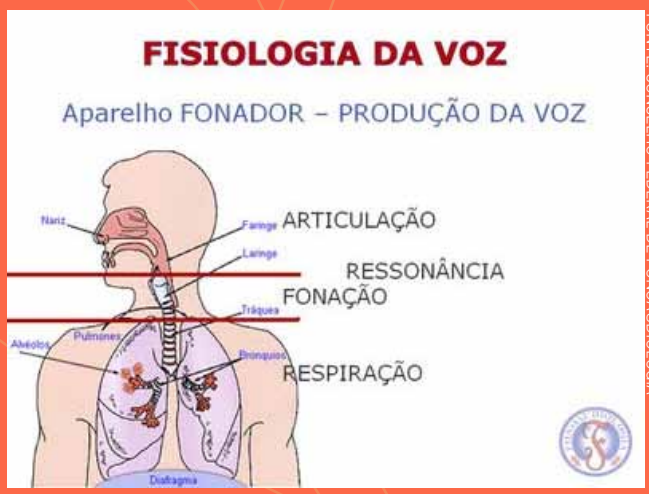
Ao longo dos anos, a música evoluiu, e a arte de cantar acompanhou esse crescimento. Os sons cantados podem ser desenvolvidos por uma só pessoa — essa execução é denominada canto —, ou pode ser executada por duas ou mais pessoas, sendo conhecida como canto coral.

Segundo o professor de canto coral da Orquestra Criança Cidadã Audir Teodósio, antes de iniciar os exercícios de canto os alunos devem atentar para a postura e a respiração. Essas ferramentas influenciam diretamente na emissão do ar e na projeção da voz.

COMO FUNCIONA A VOZ?

A fonoaudióloga e cantora Luciana Ramos explica que a produção do som depende de dois fatores: o ar que sai dos pulmões e passa pela laringe e a vibração das pregas vocais. Durante a respiração, as pregas vocais permanecem abertas, possibilitando a passagem do ar. No momento da fala, elas ficam fechadas à medida que o ar passa por elas. Assim, o ar faz as pregas vibrarem, e o som é produzido.

No entanto, o som gerado na laringe ainda não representa a voz. O som básico que é produzido na laringe percorre um caminho pelo trato vocal, passando por estruturas que formam obstáculos ou aberturas, até atingir a saída pela boca ou pelo nariz, modificando-se através de um processo chamado ressonância. As cavidades de ressonância, formadas pela própria laringe, faringe, boca, nariz e seios paranasais — cavidades cheias de ar dentro dos ossos da cabeça —, formam uma espécie de alto-falante natural. Dessa forma, o som chega ao ambiente mais intenso e é articulado na forma de alguma vogal ou consoante.



FONTE: CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA

A fonoaudióloga esclarece o que acontece com as cordas vocais no momento de cantar. "Quando se está cantando, as pregas vocais se comportam como na fala. O ar passa vindo dos pulmões, e elas vibram. Quanto mais rápido as pregas vibrarem, mais agudo é o som produzido; quanto mais devagar, mais grave é o som. Para uma vibração mais rápida, as pregas são mais finas. Isso é identificado na maioria das mulheres. Já nos homens, que têm a voz mais grave, há mais massa vibrando, pregas mais grossas; por isso, as vibrações são mais amplas e lentas."

O ato de cantar não está restrito a poucas pessoas. De acordo com Audir, qualquer pessoa que estude e realize os exercícios necessários pode cantar bem. "Há alunos que possuem vozes muito bonitas e têm muita facilidade de alcançar notas mais altas. Já outros não têm essa facilidade, não conseguem alcançar certos tons, mas são bastante técnicos, seguem os exercícios e conseguem cantar muito bem."

As aulas de canto são responsáveis por lapidar talentos. Para o professor, cantar corretamente é um desafio, já que envolve várias técnicas que devem ser seguidas para uma boa apresentação. "O público tende a admirar mais a música cantada porque a fala é o código que ele entende", afirma o professor.

Nas aulas de canto, os alunos têm contato com inúmeras técnicas musicais. O Melisma é uma dessas técnicas, que consiste nas voltas que o cantor dá na voz, fazendo variações na tonalidade de uma sílaba fonética enquanto ela está sendo cantada.

Antes do início da aula, o professor realiza um exercício para aquecer a voz, que, geralmente, começa com os tons mais graves até os tons mais agudos. O professor Audir também explica que,

FOTO: META EVENTOS

LUCIANA EXPLICA QUE, AO PERCEBER ALGUMA ALTERAÇÃO NA VOZ, É IMPORTANTE BUSCAR AJUDA DE UM PROFISSIONAL PARA AVALIAR O PROBLEMA

nas avaliações de uma turma de canto e coral, o educador deve analisar a postura, a técnica que está sendo usada e a interpretação.

CANTO ERUDITO E POPULAR

O ato de cantar é inerente ao ser humano, e muitas pessoas o praticam instintivamente. A música executada por apenas uma pessoa é denominada canto e atrai vários tipos de público pela facilidade com que é captada pelos ouvintes. A música cantada se divide entre erudita e popular, e as duas requerem técnicas e características diferentes.

O canto erudito ou lírico exige uma boa potência vocal para que se chegue até o público sem auxílio do microfone. Essa modalidade de canto procura ser fiel à intenção do autor, sem desrespeitar as propostas da partitura, como melodia e tom. No canto popular, o músico procura sempre inovar, traz releituras de canções antigas e imprime sua identidade musical na obra que está executando.

De acordo com o professor de canto e canto coral Audir Teodósio, tanto os cantores populares quanto os líricos precisam ter uma boa dicção para cantar. Dessa forma, eles podem pronunciar com clareza as palavras da música, garantindo a compreensão do público. Os conceitos de qualidade de voz e técnica são muito importantes porque a voz traz a marca do artista e identifica quem está cantando.

A música gospel vem ganhando espaço na mídia através da maior participação da igreja nos meios de comunicação. Inspirado na black music americana, os cantores evangélicos utilizam bastante os recursos vocais, como o falsete — técnica em que o músico, de forma controlada, executa uma "falsa voz", mais fina que a real, a fim de chegar a um tom mais agudo.

O cantor gospel Sérgio Oliveira é tenor e canta no ministério de música Novo Tempo. A música esteve presente em sua vida desde a infância. Aos oito anos, já participava de corais infantis na igreja e sentia que a música preenchia o tempo de forma positiva.

A vontade de se profissionalizar veio mais tarde. Aos 16 anos, Sérgio começou a estudar canto coral no Conservatório Musical Guararapes. Ele diz que ficava encantado ao ouvir os corais gospels de música negra que contavam com a participação do cantor Kirk Franklin. Sérgio explica que costuma cantar só, mas, intimamente, tem um apreço especial por apresentações em que o estilo coral pode ser implantado. "Acho os corais mais completos e belos, tanto na questão estética como na harmônica", aponta.

Toda área musical imprime desafios que devem ser superados para a realização de um bom trabalho. O cantor explica que começo da carreira é a pior fase, pois a profissionalização exige dedicação e estudo, e não só uma voz bonita. "Meu maior desafio foi sair do amadorismo e tratar a música não só como paixão, mas abraçá-la e encarar o fato com seriedade", diz.

Para preservar a voz, Sérgio toma alguns cuidados básicos, mas muito importantes para garantir a

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

SÉRGIO OLIVEIRA FAZ DO CANTO SUA MANEIRA DE DRIBLAR O ESTRESSE COTIDIANO

TIPOS DE VOZ

Assim como uma orquestra possui diferentes tipos de instrumento, um coro também se forma com diferentes tipos de vozes. Isso porque existem diferentes timbres de voz, tanto para homem quanto para mulher. Ao todo, existem seis classificações vocais, sendo três para cada gênero:

VOZES FEMININAS:
Soprano (voz aguda), Mezzo-soprano (voz médio-aguda) e Contralto (voz grave).

VOZES MASCULINAS:
Tenor (voz aguda), Barítono (voz médio-grave) e Baixo (voz grave).

qualidade vocal. O músico evita gritar ou falar muito alto, bebe muita água e foge de alimentos e líquidos gelados. Ele sempre, antes e depois de uma apresentação musical, aquece e desaquece a voz, respectivamente.

"O ato de cantar já carrega consigo uma responsabilidade muito grande. Você, querendo ou não, transmite uma mensagem, uma emoção a quem te ouve. E a maior emoção, no meu caso, que canto música gospel, é ver as pessoas tocadas pela música que eu canto. É quando você percebe que o objetivo foi alcançado, e a mensagem foi entendida", completa o jovem.

OS CORAIS

Os corais surgiram no Brasil no período Colonial, inspirados na cultural europeia. As missas da época já eram celebradas com cânticos elaborados por grupos vocais. A popularização do canto coral nacional se deu através do maestro Heitor Villa-Lobos, que tinha o hábito

CUIDANDO DO APARELHO FONOLÓGICO

As dicas a seguir encontram-se no site da Campanha da Voz (www.sbfa.org.br/campanhadavoz/index.htm), promovida pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia:

- Fale sem esforço e articule bem as palavras.
- Mantenha uma boa postura corporal ao falar ou cantar.
- Beba pelo menos dois litros de água diariamente.
- Durma bem.
- Tenha uma alimentação saudável, rica em frutas e proteínas.
- Use vestuário confortável.
- Procure reduzir a quantidade de fala durante quadros gripais, crises alérgicas e período pré-menstrual.
- Evite falar por longos períodos, principalmente em ambientes ruidosos.
- Evite pigarrear, gritar e dar gargalhadas exageradas.
- Evite ingerir leite e derivados, bebidas gasosas e chocolate antes de utilizar a voz continuamente.
- Evite ingerir álcool em excesso, bem como outras drogas.
- Cuidado ao cantar inadequadamente ou abusivamente.
- Esteja atento aos primeiros sintomas de alteração vocal, como cansaço, ardor ou dor ao falar, falhas na voz, mudança de tom, pigarro e rouquidão.
- No caso de problemas vocais, procure um fonoaudiólogo e um médico otorrinolaringologista.

POR QUE A VOZ MUDA À MEDIDA QUE A CRIANÇA CRESCE?

Segundo a fonoaudióloga Luciana Ramos, o ser humano não possui nenhum aparelho destinado exclusivamente à produção do som. Para falar, ele faz uso de estruturas de outros sistemas do corpo humano, como o respiratório, o digestório e o nervoso. Essas estruturas, quando unidas de forma complexa, realizam uma função secundária: a produção da voz. Usa-se o ar da respiração como combustível; a laringe, que é o órgão protetor dos pulmões, como motor vibratório; no final, articulamos os sons com estruturas respiratórias e digestórias, como lábios, língua, dentes e cavidades nasais.

A voz muda conforme o corpo se modifica. A laringe de uma criança é diferente da laringe de um adulto. Em recém-nascidos, a laringe é mais alta. À medida que a criança vai crescendo, a laringe muda de posição, ficando mais baixa no pescoço. Além disso, existem estruturas da laringe do adulto que ainda não estão bem formadas em um bebê. Na infância, a voz de meninas e meninos é bem parecida, mas, na adolescência, ocorre um processo chamado *muda vocal*, o que leva à diferenciação entre a voz masculina e a feminina — sendo a feminina mais aguda, e a masculina, mais grave. Quando a pessoa envelhece, ocorrem mais mudanças na voz, o que se chama de *presbifonia*, que implica o arqueamento das pregas vocais, deixando a musculatura mais flácida. A consequência é uma voz trêmula, monótona e com pouca projeção.

FOTO: DEVANYSE MENDES

CORAL MAGNIFICAT DA CIDADE DE MORENO

FOTO: DEVANYSE MENDES

A INTEGRANTE DO CORAL KÁTIA RIBEIRO (À ESQUERDA) PARTICIPA ATIVAMENTE DAS AÇÕES DO GRUPO MAGNIFICAT

de realizar concertos abertos com a participação de corais escolares numerosos. Graças à colaboração do maestro, as aulas de canto orfeônico foram inseridas nos currículos escolares brasileiros. A modalidade de canto surgiu na Europa do século 19, com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento artístico da criança e formar adultos musicalmente alfabetizados.

Atualmente, no Brasil, a entidade máxima do canto coral é a Confederação Brasileira de Coros. A formação dos corais promove a cultura de paz entre os integrantes de cada grupo. Inúmeras empresas já perceberam esse viés social e passaram a introduzir grupos de canto nos locais de trabalho. De acordo com a Confederação, através dos exercícios vocais muitas pessoas conseguem diminuir ou mesmo abandonar o uso do fumo e do álcool, melhorando a qualidade de vida e o rendimento no trabalho.

O aposentado Adimar Severino da Silva integra o coral religioso Magnificat e conta que a música é uma terapia para a vida. "Quando me aposentei, fiquei com bastante tempo livre e fui convidado para fazer parte do coral. Eu aprendi técnicas de respiração para aquecer a voz e deixá-la a contento para cantar as músicas", explica Adimar.

A participação no grupo trouxe, além da saúde, o reconhecimento social da nova atividade. "Eu me sinto muito orgulhoso, pois agora eu sou fonte de inspiração para minha neta, que começou a se interessar pela música por minha causa", completa.

Uma das características fortes de um coral também é o trabalho em equipe. Segundo Naleide Sueli Pereira, que também integra o coral religioso, em um coro, não existem talentos individuais, porque só uma ação em conjunto garante um trabalho bem feito. "É muito prazeroso participar desse grupo. O coral nos traz muitos valores importantes, como solidariedade, amizade e nos mostra a importância de criar vínculos sólidos na nossa comunidade", conclui.

SACRIFÍCIO POR AMOR À MÚSICA

Os castrati eram jovens cantores de corais que tinham os testículos arrancados antes de alcançar a puberdade para que a voz não engrossasse. Essa prática surgiu ainda no Império Bizantino, antes de Cristo. O tempo passou e a tradição adormeceu, reaparecendo mais tarde, na Itália do século 16.

Os castrati tornavam-se homens com potência vocal e timbre bastante agudo, o que possibilitava o alcance de notas muito altas. Os cantores eram castrados porque essa mutilação inibia a produção do hormônio testosterona — responsável pelo desenvolvimento masculino, inclusive a alteração da voz.

Os primeiros castrati famosos foram Jacomo Spagnoletti e Martino. Ambos integraram o Coro da Capela Sistina em 1588. Por vota de 1340, os cantores cirurgiados eram empregados em igrejas de toda Itália.

Os meninos castrados eram proibidos de casar e cantar em comunidades luteranas. No início, quem cantava na Capela eram os falsettisti, que tinham vozes mais ágeis e um som mais rico. A troca de falsettisti para castrati aconteceu porque a voz dos meninos castrados era mais natural. Na Idade Média, eles eram tão preciosos que foi criado um Coro na Capela Sistina composto apenas por castrati.

(Fonte: Jornal Ciência)

COLUNA

Orquestra em Notas

ARENA DA COPA

FOTO: DEVANYSE MENDES

Os meninos da Orquestra Criança Cidadã se apresentaram, no dia 19 de setembro, na Arena da Copa, em São Lourenço da Mata-PE. O grupo formado por 34 jovens do projeto homenageou os trabalhadores da arena durante o Ato Público em Defesa do Trabalho Seguro, organizado pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST) e o Conselho Superior da Justiça do Trabalho (CSJT), em parceria com o TRT-PE.

FESTIVAL VIRTUOSI

Treze alunos do projeto Orquestra Criança Cidadã se apresentaram na 4ª edição do festival *Virtuosi*, que acontece anualmente em Gravatá. É a segunda vez consecutiva que os Meninos do Coque integram a orquestra do festival, regida pelo maestro Rafael Garcia. As apresentações ocorreram entre 13 e 22 de julho na Igreja Matriz de Sant'Ana.

PORTO DE GALINHAS

Um grupo de cinco músicos da Orquestra Criança Cidadã abriu, no dia 29 de agosto, a 14ª edição do *Congresso de Auditores Fiscais de Pernambuco* (14° Conafaz), realizado no Hotel Armação, em Porto de Galinhas. *Primavera*, de Vivaldi, e *Carinhoso*, de Pixinguinha, figuravam no repertório, entre outras composições.

SÃO PAULO

FOTO: DEVANYSE MENDES

A professora Valdiene Pereira, docente da disciplina de Teoria Musical da Orquestra Criança Cidadã, participou do *15º Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, realizado entre os dias 23 e 26 de julho, em Campinas, São Paulo. No evento, ocorrido na Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (Unicamp), Valdiene Pereira apresentou duas pesquisas: uma sobre formação de professores e outra sobre a cultura musical brasileira na formação do professor de música em Pernambuco.

HOMENAGEM

FOTO: MARIANE MENEZES

O desembargador Nildo Nery dos Santos, presidente da Associação Beneficente Criança Cidadã, foi homenageado pelo Instituto Urbano Vitalino, no dia 24 de agosto, pelos serviços prestados à sociedade pernambucana. O diploma de mérito do Instituto foi entregue durante o encerramento do *Congresso sobre Cidadania e Desenvolvimento*, no Pleno do Tribunal de Justiça do Estado.

REGÊNCIA

O braço direito do maestro

O argentino Gustavo Paco assume a regência da Orquestra Cidadã ao lado de Lanfranco Marcelletti

POR MARIANE MENEZES

O coordenador musical e maestro da Orquestra Criança Cidadã, Lanfranco Marcelletti Jr., agora conta com um assistente na regência dos Meninos do Coque: o argentino Gustavo Paco, que há 34 anos mora no Brasil, em João Pessoa, onde ensina no Curso de Música da Universidade Federal da Paraíba. Flautista renomado mundialmente, o maestro conheceu a Orquestra Criança Cidadã antes mesmo da fundação do programa.

Paco trabalhou junto a Cussy de Almeida na execução da peça *Missa dos 500 Anos*, quando o falecido regente compartilhou informações sobre a Orquestra, ainda em desenvolvimento. "Em 2008, convidado também por Cussy, toquei flauta como solista no aniversário de dois anos dos Meninos do Coque", lembra o argentino. "De lá para cá, meu carinho pelo programa só cresceu", diz.

Como Lanfranco Marcelletti assumiu a direção artística da Orquestra Sinfônica de Xalapa, no México, uma das principais do país, e diminuiu a permanência na Orquestra Cidadã, foi preciso reforçar a equipe de regência dos Meninos do Coque. Para Marcelletti, Gustavo Paco reúne as características necessárias para o comando de um grupo como a Orquestra Cidadã.

"Conheço-o desde a infância, pois era professor de flauta de um dos meus melhores amigos. Eis um grande músico, ser humano incrível e ótimo regente. São as três coisas que acredito que se tem que procurar numa pessoa que vá conviver com os meninos no dia a dia", explica o maestro. Lanfranco comenta que a Orquestra do Coque não poderia ter encontrado um assistente melhor. "O mais incrível, em todos esses anos, é ver que Paco é muito admirado, que ele consegue chegar a todos sem colocar diferenças", diz.

O coordenador geral da Orquestra Criança Cidadã, juiz João Targino, conta que o nome de Gustavo Paco surgiu instantaneamente. O magistrado reforça, ainda, que o flautista também tem experiência com jovens, já que, por dez anos, regeu a Orquestra de Câmara da Prefeitura de João Pessoa, envolvendo músicos adolescentes como os Meninos do Coque. Desde 1998, Paco também treina o naipe de sopros da Orquestra Infantil da Paraíba.

XALAPA

Para assumir a Orquestra de Xalapa, Lanfranco Marcelletti teve que deixar a direção da Orquestra da Universidade de Massachusetts, nos Estados Unidos, onde também era professor de regência da graduação e do mestrado. "Foi uma decisão complicada, mas levei em consideração que estava, realmente, querendo morar integralmente em um país latino", conta. "Também fiquei muito feliz com a maneira com que eles me escolheram, foi algo inédito. Como o contrato do maestro anterior havia acabado, os próprios músicos promoveram uma eleição. Fui selecionado dentre 20 nomes, com 67% dos votos."

FOTO: ALEF PONTES

GUSTAVO PACO AGORA É MAESTRO ASSISTENTE DA ORQUESTRA CIDADÃ

Marcelletti é o primeiro maestro não mexicano a assumir a regência da Orquestra de Xalapa, que faz parte da Universidade de Vera Cruz, do estado homônimo, e é a mais antiga do México. "Conheci o grupo em 2006, como maestro convidado, quando promoveram um festival sobre o Brasil. De lá para cá, estava indo duas vezes por ano, também como convidado", conclui.

UM POUCO SOBRE GUSTAVO PACO

Nascido em Buenos Aires, Argentina, Gustavo Ginés de Paco de Gea graduou-se pelo Conservatório Juan José Castro. Após trabalhar alguns anos como flautista em orquestras argentinas, transferiu-se, em 1978, para o Brasil, como professor convidado da Universidade Federal da Paraíba.

Detentor de vários prêmios nacionais e internacionais, tem-se apresentado nos mais importantes festivais do Brasil. Paco é membro fundador e primeiro flautista da Orquestra Sinfônica da Paraíba desde 1980. Desde 1985, desempenha o mesmo papel na Orquestra Sinfônica do Recife. O maestro fundou, também, o Quinteto Latino-americano de Sopros. Até hoje, ele se apresenta com o grupo camerístico.

O trabalho com jovens e crianças é uma diretriz artística para Gustavo Paco. Em 1997, ele assumiu a preparação dos sopros na Orquestra Jovem e na Camerata Jovem da Paraíba. Um ano depois, passou a treinar os sopros na Orquestra Infantil desse estado. Por 10 anos, regeu e dirigiu a Orquestra de Câmara da Prefeitura de João Pessoa, com jovens músicos da região. Hoje, dedica especial atenção à divulgação da música nordestina nos países da América do Sul.

INTERNACIONAL

Dos EUA para o Coque

O casal Honea, que ministrou aulas aos jovens músicos da Orquestra Criança Cidadã, ficou maravilhado com o trabalho realizado no projeto social

Convidados pela diretoria da Orquestra Criança Cidadã, o violoncelista americano Andrew Honea e sua esposa, a musicista Lisa Honea, visitaram a sede do programa na primeira quinzena de agosto e trocaram experiência com os Meninos e Meninas do Coque. Enquanto Andrew focou nas classes específicas de seu instrumento, Lisa concentrou-se em tocar música de câmara — executada por um pequeno número de músicos em salas pequenas e com uma atmosfera mais íntima.

Para Andrew, a visita à Orquestra foi como um sonho que se realizou. "Conheço o irmão de Cussy de Almeida, Waldemar de Almeida, há mais de 30 anos. Ele sempre me falou de sua terra natal, o Brasil, e da Criança Cidadã com grande entusiasmo. Fiquei muito feliz pelo convite, mas não esperava que seria tão divertido", conta. Acostumado a ensinar a adolescentes e crianças na Orquestra Pacific Symphony, Califórnia, através do projeto *Class Act*, similar à Orquestra Criança Cidadã, ele disse ter se surpreendido com o alto nível técnico dos meninos brasileiros.

"Temos pontos parecidos, mas eu diria que, aqui, o trabalho afeta bem mais as vidas das crianças. É um projeto abrangente. Vocês estão formando estudantes maravilhosos. Seria um sonho termos algo assim nos Estados Unidos. Acredito que nos beneficiaríamos muito", comenta.

Um ponto que também chama atenção é o envolvimento das crianças e adolescentes do programa com a música. É o que pensa Lisa. "É encantador andar pelas instalações da Orquestra e ver os meninos tocando sozinhos, não só por treino, mas como diversão, rindo", acrescentou a musicista americana.

FOTO: CAMILLA FIGUEIREDO

Maravilhados com o trabalho realizado na Orquestra Cidadã, Andrew e Lisa fizeram questão de parabenizar a direção, a coordenação musical e todos que fazem parte do programa. "Além de transformar a vida desses jovens, a Criança Cidadã prepara músicos competentes e com condições para buscarem espaço no mercado de trabalho. E isso é alcançado graças ao excelente suporte e esforço visível dos professores, de João Targino, de sua esposa, Myrna, dos meninos e meninas do Coque e dos demais profissionais que contribuem diariamente para a inclusão social através da música clássica nesse programa. Foi uma experiência maravilhosa estar aqui conhecendo uma iniciativa desse porte! Só temos a agradecer pelo convite", finaliza Andrew.

ARTIGO

Trabalho artístico-infantil e a Orquestra

POR JOÃO JOSÉ ROCHA TARGINO*
COORDENADOR-GERAL DA ORQUESTRA CRIANÇA CIDADÃ

Foi com muito prazer que recebi o convite do Excelentíssimo Senhor Doutor Nicolau Lupinhaes Neto para palestrar aqui, no *Encontro Nacional sobre Trabalho Infantil*. Aceitando tal incumbência, comprometi-me com a tarefa de contextualizar, de maneira breve, a trajetória histórica do trabalho do menor em nossa sociedade, com ênfase no trabalho artístico.

Ao final da retrospectiva, explanarei um pouco sobre a Orquestra Criança Cidadã, projeto de imensurável sucesso que idealizei e coordeno, na cidade do Recife-PE. Nosso objetivo é inserir socialmente crianças e adolescentes da comunidade do Coque, uma das mais pobres da capital, por meio do acesso à cultura e à música clássica.

O trabalho infantil foi uma fonte de lucro para os senhores de terra por muito tempo, principalmente nas sociedades ocidentais. Exploradas de forma exaustiva e, portanto, prejudicial ao desenvolvimento físico e psicológico, as crianças trabalhavam por várias horas ao dia desde os quatro ou cinco anos de idade ajudando os pais na lavoura e no sustento da família.

A questão do trabalho do menor passou a ganhar destaque com o início da Revolução Industrial, em meados do século 18, no Reino Unido. Na época, com a superação acelerada do artesanato e da manufatura, a oferta de mão de obra era muito grande e, por isso, mal remunerada. Sendo assim, os pais obrigavam os filhos a trabalharem nas indústrias para complementação da renda familiar. Os pequenos trabalhavam sem descanso exercendo atividades extenuantes e recebiam apenas um quarto do salário pago a um homem adulto.

Não por acaso, foi no Reino Unido que a primeira lei de proteção ao trabalho infantil foi editada. Em 1802, ficou definido que a idade mínima para o trabalho era de oito anos. Estava proibido o trabalho noturno para os menores de idade. A partir de então, outros países e instituições internacionais começaram a discutir e se preocupar com os direitos das crianças e dos adolescentes.

O maior avanço, em nível global, relacionado aos direitos trabalhistas do menor, ocorreu em 1959, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou a Declaração Universal dos Direitos da Criança, que serviu de base para a criação de leis em quase todas as nações-membros da Organização. Na Convenção das Nações Unidas, realizada em 1989, a ONU publicou outro documento (a Convenção 138) que, em seu artigo 32, obriga os Estados a estabelecerem idades mínimas para a admissão em empregos e a regulamentarem as condições de trabalho do menor, protegendo a criança de trabalhos que ameacem a sua saúde física e mental, a sua educação e o seu desenvolvimento.

FOTO: GETTY IMAGES

FOTO: MILTON RAULINO

TRABALHO INFANTIL X TRABALHO ARTÍSTICO: A DEDICAÇÃO DE PEQUENOS PODE GERAR FRUTOS E RESULTADOS DIFERENTES

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990 para consagrar e sistematizar os direitos e deveres dos menores no Brasil, estabeleceu, dentre outras coisas, que "é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz" (artigo 60). Uma emenda constitucional promulgada no ano de 1998, no entanto, define, em seu artigo 7º, inciso 33, a "proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito anos e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos". Como a Constituição Federal é grau máximo jurídico-positivo, que se superpõe a todos os demais no Brasil, qualquer trabalho realizado por menores de 14 anos é ilegal neste país; e dos 14 aos 16 anos, os brasileiros só podem trabalhar na condição de aprendiz.

Ao redor do mundo, as diferentes classificações de faixas etárias e as legislações paralelas confundem e acabam deixando brechas para o descumprimento da lei. Por exemplo, o ECA classifica como criança todos aqueles que tenham até 12 anos de idade; já a Organização Internacional do Trabalho (OIT) classifica como criança todos os indivíduos menores de 15 anos. Apesar dessas discrepâncias, no entanto, são claros os avanços alcançados no que diz respeito à proteção dos menores e seus direitos trabalhistas.

Nesse contexto de forte debate sobre a situação dos pequenos em âmbito mundial, cresce também a discussão sobre o trabalho infantil artístico. Se a exploração de crianças e adolescentes vem sendo mais bem fiscalizada e evitada nas grandes indústrias devido ao esforço realizado neste sentido desde o século 19, ainda há bastante polêmica no que diz respeito às atividades artísticas executadas por menores. Isso se dá pela dificuldade de definir quando essas atividades deixam de ser lúdicas e recreativas e passam a ser trabalho de fato — e se é possível separar uma coisa da outra.

Todos os documentos que tratam dos direitos humanos e trabalhistas dos menores — Declaração Universal dos Direitos da Criança, Convenção de 1989, OIT, ECA, etc. — estabelecem o acesso à educação e à cultura, entre outros pontos, como obrigação do Estado e da sociedade. Desta forma, a tendência é que a exploração infantil no meio artístico seja mascarada pelo incentivo à educação artística e ao desenvolvimento cultural dos menores, garantidos por lei.

Se o trabalho artístico infantil — em produções audiovisuais (filmes, novelas, propagandas), artes plásticas, atividades circenses, musicais, literárias — é realizado com fins ao benefício lucrativo de outrem, fica caracterizada a exploração, inclusive porque, em algumas situações, as tarefas executadas pelos menores, como as longas horas de ensaio e treino, chegam a ser mais exaustivas do que em outros trabalhos. Um leque variado de opções apresenta formas tão (ou mais) eficazes de incentivo à cultura e à educação sem, no entanto, comprometer a saúde física e mental das crianças e dos adolescentes e suas necessárias horas de descanso e recreação.

A OIT, através da Convenção 138, em seu artigo 8º, prevê a permissão de trabalho em apresentações artísticas "em casos individuais" mediante licenças concedidas, desde que sejam limitadas as horas e estabelecidas as condições de trabalho. A Constituição brasileira, entretanto, não prevê exceções à regra e, portanto, "o trabalho artístico em uma empresa de fins comerciais só pode ser executado a partir dos 16 anos desde que sejam preservadas as normas genéricas de proteção ao trabalho do adolescente", nas palavras de Oris de Oliveira, doutor em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) e que tem dedicado sua carreira a estudar e combater o trabalho infantil no Brasil. As referidas normas são: a) assistência do poder familiar; b) preservação da frequência à escola com reposição das lições perdidas nas fases de gravações; c) proibição do trabalho noturno; d) proibição de trabalho prejudicial ao desenvolvimento moral e social; e) respeito pelas normas sobre repouso, sem excluir, evidentemente, os repousos intrajornada; f) proibição de trabalho penoso físico ou psíquico; g) apoio psicológico ao adolescente e aos pais.

> "A exploração de crianças e adolescentes vem sendo mais bem fiscalizada, mas ainda há bastante polêmica no que diz respeito às atividades artísticas"
>
> (João Targino)

O acesso à cultura e à educação é, de fato, um direito básico de toda criança e de todo adolescente, e um dever do Estado e da sociedade (nosso dever) fazê-lo valer. Há, para isso, algumas opções que não estão relacionadas com o trabalho de menores, como atividades realizadas em âmbito escolar, de inclusão em projetos sociais ou de instituições públicas e privadas que incentivam a cultura. Obviamente, a necessidade de haver iniciativas como essas não justificam, em hipótese alguma, a exploração econômica do menor.

Um bom exemplo de uma organização sem fins lucrativos que trabalha em prol do futuro das crianças e dos adolescentes através da arte e da cultura é a Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC), que, através do seu programa de maior sucesso, a Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque, por mim idealizada e coordenada, tem transformado a vida de mais de cem jovens através da música clássica. Lá, eles recebem todo o apoio necessário para que, ao lado da educação regular, se profissionalizem e sejam incluídos no mercado de trabalho.

Todos os meninos e meninas residem em uma das comunidades mais pobres do Recife, o Coque, que, por isso, integra o nome da Orquestra. Eles recebem aulas de instrumentos musicais — violino, violoncelo, viola e contrabaixo — e percussão, além de lições de teoria musical, canto coral e reforço escolar. Apoios médico-odontológico e psicológico e três refeições diárias complementam o atendimento e reforçam o sentido de "blindagem" que sempre quis fornecer ao projeto. Com estas ações, a Orquestra Criança Cidadã não propicia margens para que a criança ou o adolescente caia na marginalidade, influenciado pelas condições adversas da comunidade.

Hoje, a Orquestra Criança Cidadã é, com muito orgulho, uma das ações sociais mais conhecidas e premiadas do Brasil. Amplia-se, também, dia após dia. Nossa próxima grande ação será a construção da Sala de Concertos e a Escola de Música, com capacidade para mais de 800 pessoas, sendo a primeira 100% acústica de todo o Norte e Nordeste do Brasil. Será, de fato, um passo crucial para que nosso projeto se torne totalmente autossustentável e possa, enfim, expandir-se em outras orquestras de meninos e meninas carentes, em outros bairros problemáticos.

Todas as atividades realizadas na sede da Orquestra Criança Cidadã focam na vivência e no aprendizado da música clássica com o objetivo de profissionalização, mas, sobretudo, com o intuito de formar cidadãos. De fato, esse é nosso maior objetivo: a edificação do caráter de cada aluno.

Neste momento em que a nação vive uma crise moral, que se afigura como a mãe de todas as outras, formar cidadãos, homens de caráter, é um contributo indimensível que qualquer projeto ou instituição pode dar ao seu país.

A Orquestra Criança Cidadã é, sem dúvidas, prova de que iniciativas que buscam dar oportunidades de acesso à cultura e à educação a crianças e adolescentes carentes podem, sim, dar certo. Revela-se um exemplo de como a sociedade pode efetivar alguns dos direitos presentes na Declaração Universal dos Direitos da Criança e na Constituição Federal, sem que incorra no comprometimento regular do desenvolvimento físico e psicológico dos jovens que assiste.

Pelo contrário, o objetivo primacial do projeto é promover benefícios indutores de cidadania aos jovens músicos e musicistas da Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque.

Muito obrigado.

**Palestra proferida pelo Dr. João José Rocha Targino, juiz de Direito, idealizador e coordenador da Orquestra Criança Cidadã, da cidade do Recife-PE, no Conselho Nacional de Justiça (CNJ), no dia 22 de agosto de 2012, na cidade de Brasília-DF.*

COLUNA

Cantinho das Letras

Antenados com o ano eleitoral, dois jovens músicos da Orquestra Criança Cidadã dissertaram sobre a importância do voto consciente. Confira:

"O voto é um dos maiores exemplos de democracia do Brasil. Porém, muitos não conhecem o poder de votar, nem o que a política significa para a vida das pessoas. A sociedade é responsável por colocar, na urna, não só uma preferência pessoal, mas deve reconhecer que essa decisão afeta outros indivíduos e muda o futuro de um país.

A escolha de um mau governante pode representar uma queda na qualidade de vida das pessoas, pois são eles que vão gerenciar os impostos pagos e executar leis que afetarão diretamente o cotidiano da sociedade. Valorizar o voto é ser consciente, acompanhar as informações sobre os candidatos com passado limpo e propostas que visem à melhoria de cada cidade. Há, em todo país, políticos corruptos e incompetentes que usam o cargo para enriquecer, se aproveitando do pouco conhecimento do povo sobre política. Compram votos com presentes, a fim de alcançar seu próprio objetivo.

No Brasil, alguns candidatos são honestos, dedicados e procuram fazer um bom trabalho nos cargos que exercem, e são nessas pessoas que se deve prestar atenção. É importante analisar os projetos da campanha eleitoral de cada candidato, através do rádio e da televisão, além de cobrar as propostas de melhoria para a sociedade.

Nesta democracia, a conquista do povo, referente ao voto, deve ser usada com responsabilidade. Votar em qualquer um pode ter sérias consequências nos próximos anos, e será tarde para arrependimentos", diz **José Edson**.

FOTO: MARIANE MENEZES

DIÓGENES E JOSÉ EDSON: JOVENS DA ORQUESTRA ESTÃO ATENTOS À IMPORTÂNCIA DO VOTO PARA MUDAR O BRASIL

"Votar é uma responsabilidade que todo brasileiro deve exercer. É através da garantia do compromisso eleitoral que se obtém consequências boas ou ruins nas áreas sociais. Mas alguns brasileiros não têm consciência do poder que têm em mãos.

Na sociedade, acontecem absurdos pela falta do voto consciente da população, tais como pagamento de propina e escândalos políticos. Esse fenômeno origina uma discussão enorme em redes de televisão, revistas e jornais. Esses dados negativos só trazem uma má impressão para o Brasil.

É preciso tomar decisões bem pensadas diante da realidade do País. Para conseguir votar melhor, é importante se inteirar dos assuntos políticos e ter consciência na hora de votar. Portanto, o povo deve escolher seu representante com sabedoria para não deixar o País em situação de calamidade pública." Para **Diógenes**, *"voto não é brincadeira, é compromisso"*.

SUSTENTABILIDADE

RIO+20: crescer, incluir, proteger

Ambientalistas questionam a eficácia do documento redigido ao final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável

POR CAMILLA FIGUEIREDO

A *Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável*, chamada de Rio+20, foi realizada de 13 a 22 de junho de 2012 no Rio de Janeiro, capital. Marcando duas décadas decorridas após a *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, a ECO-92 (1992), também sediada na cidade do Rio de Janeiro, a proposta da Rio+20 era discutir temas relacionados à sustentabilidade e ao meio ambiente, renovar o compromisso político com o desenvolvimento sustentável e formular uma nova agenda de medidas a serem tomadas nos próximos anos.

A Rio+20 é considerada a conferência mais participativa da história pela ONU. Delegações de 193 países, representantes da sociedade civil e 90 chefes de Estado estiveram presentes para discutir soluções sustentáveis e viáveis para o futuro do planeta. Ao final dos dez dias de evento, um documento foi redigido com a síntese das propostas levantadas, mas foi considerado fraco e pouco ambicioso por ambientalistas.

"A sociedade civil e vários governos imaginavam que nós teríamos um documento definindo metas, responsabilidades e recursos; nós tivemos um documento que é um protocolo de intenções", afirmou Elimar Nascimento, professor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB), no programa Cenas do Brasil* que foi ao ar no dia 28 de junho de 2012.

FOTO: DIVULGAÇÃO

RIO CENTRO, NO BAIRRO DA BARRA DA TIJUCA, ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO, FOI A SEDE DA RIO+20

O governo brasileiro, por outro lado, afirma que o texto traz avanços significativos e coloca o País em posição de destaque no debate sobre meio ambiente e desenvolvimento. "A minha expectativa está amplamente satisfeita. Acho que é um grande passo à frente para o mundo e para o Brasil", declarou a presidente Dilma Roussef em coletiva de imprensa.

PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL

A participação popular no debate se deu através da Cúpula dos Povos, evento paralelo organizado pelo Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (FBOMS), que teve participação de representantes do Canadá, da França, do Japão e de alguns outros países da América Latina. A ligação com o governo e a sede oficial da Rio+20 se deu no espaço chamado Diálogos para o Desenvolvimento Social. No total, 30 recomendações foram sintetizadas após dez plenárias e, embora não tenham o mesmo peso das decisões tomadas pelos representantes máximos dos países convidados, podem dar origem a encaminhamentos de grande importância para o desenvolvimento sustentável mundial.

Bruno Marinoni, 29 anos, jornalista e doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), participou da Cúpula dos Povos e diz que a Rio+20 não foi pensada da maneira mais proveitosa e que seus resultados efetivos deixaram a desejar. "A Cúpula em si foi uma crítica à própria concepção da Rio+20, por seu caráter estéril do ponto de vista do interesse em avanços realmente necessários para salvar o planeta", completa. Para ele, o ponto positivo da conferência foi "ter sido o contraponto que serviu de referência para a mobilização de importantes setores da sociedade nesse evento alternativo que foi a Cúpula".

ANTECEDENTES

A primeira grande conferência organizada pela ONU para debater as condições ambientais foi a *Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente*, conhecida como Conferência de Estocolmo, realizada em junho de 1972, na capital da Suécia, cidade que dá nome ao evento. De lá para cá, países de todo o mundo vêm despertando para a importância de preservar a natureza e de respeitar a finitude dos recursos naturais, necessidades apontadas por fenômenos como as ilhas de calor, as inversões térmicas e o desequilíbrio do efeito estufa.

O Protocolo de Montreal (1989), a Agenda 21 (1992) e o Tratado de Kyoto (proposto em 1997 e ratificado pela última vez em 2005), entre outros, são documentos propostos e originados nessas grandes conferências mundiais organizadas pela ONU ou nos espaços de discussão decorrentes delas que visam encontrar maneiras de preservar o meio ambiente da destruição causada pelas atividades humanas. A ideia é que haja o desenvolvimento sustentável, conceito consagrado na ECO-92 e que sugere o desenvolvimento a partir de fontes renováveis, de forma a não comprometer o futuro das próximas gerações.

HÁ DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL APÓS A RIO+20?

Vinte anos depois da ECO-92 e tendo se iniciado um novo milênio, outras necessidades se apresentam ao mundo para o alcance de um desenvolvimento sustentável. A Rio+20 chegou, então, em um momento de crise econômica mundial, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, para discutir e analisar não somente questões ambientais, mas também sociais das próximas décadas.

Segundo Márcia Muchagata, assessora do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, a grande novidade da Rio+20 em relação às demais conferências da ONU, inclusive a ECO-92, é justamente o debate de temas sobre a inclusão e proteção social como condição para o alcance de um desenvolvimento saudável e viável. "A gente tem, hoje, mais de 800 milhões de pessoas que estão vivendo em condição de desnutrição, e o Brasil é o exemplo de que isso pode ser superado, com vontade política, com políticas relativamente simples; e essas políticas brasileiras estão sendo exportadas", completa.

Antes da realização da conferência, as expectativas quanto à eficácia dos resultados da Rio+20 divergiam. "Será uma grande oportunidade ou nulidade. A

conferência pode fazer uma convergência, desatar nós ou, então, se não se dispuser, será um ponto de jogar conversa fora. Mas de qualquer forma, a mobilização de propostas da sociedade civil será um avanço. Ou os governos são capazes de mostrar relevância no mundo contemporâneo ou são incapazes de acompanhar o ritmo com que a sociedade avança, se tornando um empecilho", disse Aron Belinky, coordenador de Processos Internacionais do Instituto Vitae Civis, que representa o FBOMS, alguns dias antes do evento.

Para Elimar Nascimento, a falta de decisões concretas e eficazes era prevista. "Sempre tive pouca expectativa em relação à Rio+20, porque julgo que é muito difícil tomar decisões ousadas, ambiciosas, com 193 participantes. O formato da negociação não é favorável a resultados muito positivos. Por isso que o documento foi muito criticado, pelo fato de ser prolixo e genérico", comenta. Ele ainda alerta para a tendência de que as crises econômicas e políticas se agravem se continuarmos no ritmo em que estamos, levando a humanidade a ter que escolher entre a democracia e a sobrevivência. Isso pode se dar, segundo Nascimento, porque governos tirânicos e ditatoriais ganham espaço em situações de crise, como no período entre as duas grandes guerras mundiais, quando cresceu o apoio ao Nazismo, ao Fascismo e à ditadura de Salazar na Europa.

Sem definições reais, metas e planos de recursos para a execução de medidas, a Rio+20 acabou sem formular um cronograma de ações concretas a serem realizadas em prol do desenvolvimento sustentável e sem perspectivas de grandes mudanças. Cada país deve, então, de maneira independente, buscar as parcerias positivas, benéficas e necessárias para desenvolver políticas sociais e de preservação do meio ambiente que garantam a vida na Terra para as próximas gerações.

** O Cenas do Brasil é um programa da TV NBR (TV do Governo Federal) realizado pela Diretoria de Serviços da Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Vai ao ar, ao vivo, todas as quintas-feiras, das 22h às 23h. Pode ser assistido também na internet, no canal da TV NBR no Youtube, através do site: www.youtube.com/tvnbr.*

FELIPE CARLOS, 12 ANOS, ESTUDANTE DA ORQUESTRA, TAMBÉM ESTÁ PREOCUPADO COM O MEIO AMBIENTE E O FUTURO DO PLANETA

AÇÃO SOCIAL

Estudo em primeiro lugar

Organização de Auxílio Fraterno (OAF) aposta na educação para mudar a perspectiva de muitas crianças e jovens

FOTO: DIVULGAÇÃO

O Brasil vem evoluindo em muitos aspectos sociais, é o que diz o Censo 2010. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam para a redução da desigualdade social, a queda da mortalidade infantil, o aumento da frequência escolar e a diminuição da miséria. É a economia crescendo, aliada à geração de empregos e ao desenvolvimento industrial.

As Organizações Não Governamentais (ONGs) agem no sentido de reforçar o trabalho do Estado e focar nas áreas mais necessitadas. São instituições sem fins lucrativos como a Organização de Auxílio Fraterno do Recife (OAF), que atua desde 1960 na missão de promover educação para crianças e adolescentes de baixa renda que vivem em situação de risco na comunidade dos Coelhos.

"Ter educação é fundamental. A educação, em todos os aspectos, proporciona voos na vida do indivíduo", afirma a coordenadora geral da OAF, Maria das Graças Brito. Ela, que trabalha pelo desenvolvimento pedagógico da instituição, faz questão de estimular o ponto de vista, mostrando que educação é muito mais que saber ler e ser profissional em alguma coisa. "Nós prezamos muito pela formação de um caráter cultural. Para isso, desenvolvemos uma gama de atividades."

Atualmente, a Organização de Auxílio Fraterno do Recife — parceira da Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC) desde 2004, dentro da Campanha Clarear — funciona no bairro da Boa Vista, na comunidade dos Coelhos, de segunda a sexta-feira, em horário comercial. No total, 288 meninos e meninas são atendidos e realizam atividades artísticas e socioeducacionais. São inúmeros projetos que envolvem leitura, reciclagem, tecnologia, música e religião. Além disso, os beneficiários recebem alimentação diária.

De acordo com o supervisor do Departamento Psicossocial, Edilson Rodrigues, a OAF atua, sobretudo, para promover a profissionalização. "Nós procuramos dar várias opções aos meninos e meninas para que eles possam descobrir o que gostam e, a partir disso, se qualificar", comenta o supervisor.

Edilson conta que é grande o engajamento das crianças nas ações da OAF. No projeto de reciclagem, chamado *Fábrica de Ideias*, por exemplo, os integrantes constroem objetos usando materiais reciclados como garrafas pet, tampas, papelão e botões, que servem para decoração e suporte. "Nessa oficina, a monitora trabalha não somente com as crianças, mas também

FOTO: DEVANYSE MENDES

FOTO: DEVANYSE MENDES

BENEFICIÁRIOS DA OAF PRODUZEM ARTIGOS QUE SÃO COMERCIALIZADOS EM GRANDES EVENTOS DO ESTADO, COMO A FENEARTE

com mães que se interessam em ajudar na produção. Tudo é exposto em escolas e vendido em shoppings e feiras, o que gera lucro para eles", disse Edilson.

Larissa Lagos, 14 anos, entrou na OAF no ano passado e faz parte do *Fábrica de Ideias*. Segundo ela, sua vida era muito diferente antes de integrar a instituição. "Eu sempre fui uma menina sonhadora, mas nunca fiz muito esforço para conseguir aquilo que eu queria. Achava que os sonhos eram impossíveis, e, com isso, deixava para lá. Agora, venho aprendendo muito aqui e já abri a minha mente para ir atrás dos meus sonhos", fala.

Além desse projeto, existem outros dois que trabalham com a música, o *Orquestrando Pernambuco* e *Música no Computador*. O primeiro é oferecido pelo Conservatório Pernambucano de Música (CPM), que empresta professores para ensinarem instrumentos de cordas, como violino, viola e violoncelo. O segundo trabalha o ensinamento da música com a tecnologia. Aulas teóricas e práticas são proporcionadas pelo Porto Digital, que disponibiliza lições de teclado, flauta doce e violão com o apoio do computador, usando o método D'Accord.

Porém, de acordo com a coordenadora geral, Maria da Graças, o destaque deste ano vai para o grupo de *Parlendas e Trava-Línguas*, oficina que vem ganhando espaço e reconhecimento, estimulando cada vez mais o interesse dos alunos. "Esse grupo vem sendo tão atuante que, neste ano, vai lançar um CD, com lançamento previsto para este semestre. A mídia apresentará os trabalhos desenvolvidos pelos próprios alunos. Eles estão superempolgados com isso e todos os dias se juntam para ensaiar as apresentações", conclui a coordenadora.

SERVIÇO

Organização de Auxílio Fraterno
Rua Coelhos, 351 – Boa Vista
Em frente ao Hospital Imip
Telefone: (81) 3222-6859
E-mail: oafdorecife@yahoo.com.br

MÚSICA

Por dentro da rota de festivais

Em 2012, a Orquestra Criança Cidadã marcou presença em grandes eventos de música erudita

FOTO: ARQUIVO / INALDO NASCIMENTO

NO *VIRTUOSI*, JOVENS MÚSICOS FORAM REGIDOS PELO MAESTRO JOÃO CARLOS MARTINS

Apesar do inverno, os meses de junho e julho foram aquecidos pela realização do 4º festival *Virtuosi* de Gravatá e pelo 9º *Encontro de Música Antiga do Recife/Olinda*. Ambos contaram com a participação da Orquestra Criança Cidadã. Para o *Virtuosi*, 13 alunos do projeto foram selecionados pelo diretor artístico do festival, Rafael Garcia. Já o *Encontro de Música* reservou a participação de 14 jovens músicos, que se envolveram em concertos, palestras e cursos de várias escolas musicais.

Para selecionar os integrantes do *Virtuosi* de Gravatá, Rafael Garcia observou o desempenho técnico dos alunos junto ao corpo docente da Orquestra Criança Cidadã. "A experiência que os meninos adquiriram ao participar do festival é o ganho mais significativo que eles poderiam ter. Os nossos jovens tiveram a oportunidade de se apresentar com instrumentistas de corda, sopro e percussão. Isso colabora bastante para o amadurecimento musical de qualquer músico", explica a coordenadora pedagógica do projeto, Janayna Mendes.

Durante o festival, os alunos da Orquestra tiveram aulas de instrumento e foram regidos pelo maestro e pianista João Carlos Martins. Para Janayna, participar de festivais de música é uma boa oportunidade de fazer um network e conhecer o cenário musical do Brasil e do exterior.

O violinista e spalla João Pedro Lima colocou no currículo a experiência no festival. "Se não estivéssemos engajados nesse evento, dificilmente teríamos a chance de ter contato com professores e músicos internacionais", completa o jovem.

VIRTUOSI

O festival de 2012 homenageou Luiz Gonzaga, com a peça *Memorial Musical de Luiz Gonzaga*, encomendada ao compositor paraibano Eli-Eri Moura especialmente para o evento. As apresentações aconteceram na Igreja Matriz de Sant'Ana, e a programação contou com apresentações do renomado pianista João Carlos Martins e do violinista russo Nikita Borisoglebsky — medalha de prata do Concurso Tchaikovsky de violino de 2007. Também subiram ao palco do *Virtuosi* o pianista lituano Kasparas Uinskas; o violinista francês Gilles Apap; o violoncelista pernambucano Leonardo Altino; e o principal contrabaixista da Orquestra Sinfônica de Londres, Rinat Ibragimov; entre outros nomes da música erudita mundial.

ENCONTRO DE MÚSICA ANTIGA DO RECIFE/OLINDA

Catorze alunos da Orquestra Criança Cidadã integraram, pela primeira vez, o *Encontro de Música Antiga do Recife/Olinda*. "Este ano, resolvemos dar oportunidade àqueles que nunca tinham ido, e eles também puderam sentir a mesma sensação que os colegas sentiram anteriormente, em 2011", conta Janayna Mendes. O aluno de violoncelo Rafael Queiroz frequentou o curso de música barroca com o professor francês Xavier Julien-Laferriere. O jovem conta que nunca havia se aprofundado muito na escola barroca, mas ficou fascinado ao assistir às aulas do mestre francês.

Na turma composta por quatro alunos de violoncelo, três eram da Orquestra Cidadã. O último dia de curso foi encerrado com apresentações individuais e coletivas. Rafael emocionou o professor Xavier Julien-Laferriere ao tocar a 2º suíte da peça *Sarabande*, composta em 1722 por Johann Sebastian Bach. "Eu me dediquei bastante nas aulas para corrigir minhas imperfeições. Para mim, o resultado foi bom; antes, eu não conseguia me expressar livremente enquanto tocava. Agora, eu interpreto a música e sinto o que estou tocando", afirma o cellista.

A Orquestra Criança Cidadã também apostou na inovação do seu projeto musical. Pela primeira vez, encaminhou alunos do núcleo de flauta doce para conhecer o *Encontro de Música Antiga* e participar dos cursos. As aulas de flauta doce e transversa foram ministradas pela professora pernambucana que mora atualmente na França Rosangela de Lima.

O evento ofereceu, ainda, concertos de câmara e palestras com os professores Marília Vargas e Rodrigo Del Pozo, que abordaram o canto barroco. O professor Edmundo Hora deu aula de cravo e baixo contínuo; já o músico Homero de Magalhães Filho falou sobre conjuntos vocais, instrumentais e direção artística. Os participantes também puderam conferir aulas de danças da renascença e viola da gambá com o professor Mário Orlando e de dança barroca e violino barroco sob a coordenação da professora Raquel Aranha.

FOTO: CAYO CÉSAR

APRESENTAÇÃO DE MÚSICAS BARROCAS FEITA PELO ALUNO DIEGO DIAS NO CURSO DE MÚSICA ANTIGA 2012

PERFIL

O segundo Mozart da música

O compositor polonês Chopin ficou famoso pelo acentuado e precoce talento musical

Polonês nascido no ducado de Varsóvia em 1810, Frédéric François Chopin (nome em francês) é considerado um prodígio, pois já era autor de duas *polonesas* — dança relativamente lenta originada na Polônia — aos sete anos de idade. Aos oito, se apresentou em público pela primeira vez como pianista e ganhou a reputação de "segundo Mozart", que também revelou seu agudo talento musical durante a infância.

Chopin teve as primeiras aulas de piano em casa, com sua irmã mais velha, Ludwika. Aos seis, passou a ter aula com Wojciech Zywny — pianista e violinista polonês. No outono de 1826, o gênio precoce começou a estudar teoria musical, baixo cifrado e composição musical com o compositor Józef Elsner, do Conservatório de Varsóvia, que era afiliado à Universidade de Varsóvia (por isso, Chopin é mencionado entre os ex-alunos notáveis da universidade).

"Até sua estreia, havia muitas crianças-prodígio intérpretes. Algumas se arriscavam na composição, mas nenhuma foi tão original e completa como Chopin. Nesse sentido, ele foi genial, por dominar o idioma da composição e por ser um grande intérprete", comenta Sérgio Barza, professor do Conservatório Pernambucano de Música há 13 anos e regente da Orquestra Sinfônica Jovem do Conservatório.

Chopin foi, sem dúvida, o primeiro compositor a se dedicar inteiramente ao piano, de acordo com Elyanna Caldas, grande pianista pernambucana, fundadora do

FOTO: REPRODUÇÃO DA INTERNET

curso de Música da UFPE e ex-diretora do Conservatório Pernambucano de Música (1987–1991/1995–1999). "Muito pouco escreveu para outros instrumentos ou orquestra. O piano foi o seu confidente, e ele explorou a técnica instrumental ao máximo", completa.

Em agosto de 1829, após sair do conservatório, Chopin fez uma brilhante estreia e conquistou o público de Viena, atual capital da Áustria. Preparado para alçar voos mais altos, o músico deixou Varsóvia

no final de 1830, aos 20 anos, para fazer concertos na Europa Ocidental. Um ano depois, mudou-se para a França levando consigo um portfólio de importantes composições. Nessa época, já conhecia e era admirado por muitos artistas, como Robert Schumann, Franz Liszt e Felix Mendelssohn.

Os seis anos que viveu entre a inspiradora classe artística de Paris são considerados os de maior riqueza produtiva na carreira de Chopin. Ele publicou, em 1833, cinco *Mazurcas* — dança tradicional de origem polaca —, o *Trio para piano, violino e violoncelo,* três *Noturnos*, os doze grandes estudos dedicados a Liszt e o *Concerto em Mi menor*. Em 1834, publicou a grande *Fantasia sobre árias polonesas*, o *Krakowiak para o piano e orquestras*, três outros *Noturnos* e o *Rondó em Mi bemol maior*.

O primeiro amor da vida do polonês foi Maria Wodzinska, uma garota de 17 anos. Em 1836, ele tinha, então, 26 anos e, embora já tivesse bastante reconhecimento profissional e social, não era aprovado pela família da menina. Em 1837, o noivado com Maria Wodzinska foi desfeito e ele se envolveu e casou com Amandine-Aurore-Lucile Dupin, mais conhecida pelo pseudônimo George Sand. Sand era escritora e viveu com Chopin por dez anos (1837–1847).

MÚSICA

O forte senso rítmico das músicas de Chopin produz uma sonoridade particularmente delicada na melodia e na harmonia, que são sustentadas por sólidas técnicas harmônicas. "A ampliação dos recursos harmônicos no Romantismo se deveu em grande parte ao trabalho de Chopin", diz Barza. Ele aprofundou o novo gênero de salão do noturno, inventado pelo compositor irlandês John Field, além de manter formas de dança popular, como a mazurca polonesa, a valsa e a valsa vienense, com uma maior variedade de melodia e expressão. Chopin foi também o primeiro a escrever baladas e *scherzi* como peças individuais.

Suas músicas mais famosas pertencem, não por acaso, ao período parisiense de sua vida. Alguns exemplos das composições mais conhecidas e ouvidas de Chopin são: *Noturno op. 9 nº2*, a *Valsa op. 81 nº1 - Grande Valsa Brilhante*, o *Impromptu op. 66 - Fantasie-Improptu*, o *Estudo op. 10 nº12 - Revolucionário*, escrito no calor da revolução polonesa, o *Tristesse op. 10 nº1*, o *Prelúdio op. 28 nº15*, da Gota d'Água, a *Poloneise op. 93* e *Mazurka op. op. 7 nº1*. Uma curiosidade é que o próprio Chopin nunca nomeou uma obra instrumental; os nomes pelos quais se conhece muitas de suas peças foram inventados por outros.

De acordo com Caldas, a execução das peças de Chopin exige muito domínio virtuosístico e musical. "Creio que somente pianistas com uma grande vivência musical podem e devem abordar a obra chopiniana. É um erro fazer jovens alunos sem a devida maturidade técnica e musical se aventurarem no universo sonoro de Chopin", comenta.

Chopin foi educado na tradição de Beethoven, Haydn, Clementini e Mozart. A pureza clássica relativa e a discrição em sua música, com pouco exibicionismo, em parte reflete sua reverência por Bach e Mozart. A obra de Chopin influenciou — e influencia até hoje — muitos outros músicos e compositores. Entre outros, Robert Schumann foi um grande admirador da música de Chopin, e utilizou suas melodias. Franz Liszt foi outro admirador e amigo do compositor, e transcreveu para o piano seis canções polonesas dele.

De acordo com Sérgio Barza, as maiores contribuições da obra de Chopin para a música clássica são a ampliação do vocabulário harmônico, inovações técnicas na escrita para piano, originalidade melódica e domínio da forma.

MORTE

Fréderic Chopin apresentava sinais de problemas pulmonares desde a infância. Os distúrbios só se agravaram ao longo da curta vida e culminaram com sua morte em 1849, aos 39 anos, na França. Por medo de ser enterrado vivo, pediu, ainda em vida, que seu coração fosse retirado após sua morte. Havia pedido também que *Réquiem*, de Mozart, fosse tocada em seu funeral. Assim foi feito. E como uma última homenagem a sua terra natal, alguns amigos poloneses levaram um jarro com areia de lá para espalhar em volta do túmulo, localizado no cemitério Père Lachaise, Paris.

DIDÁTICA

Educação pela igualdade

Referência internacional na área pedagógica, o brasileiro Paulo Freire concebeu uma filosofia de ensino inovadora

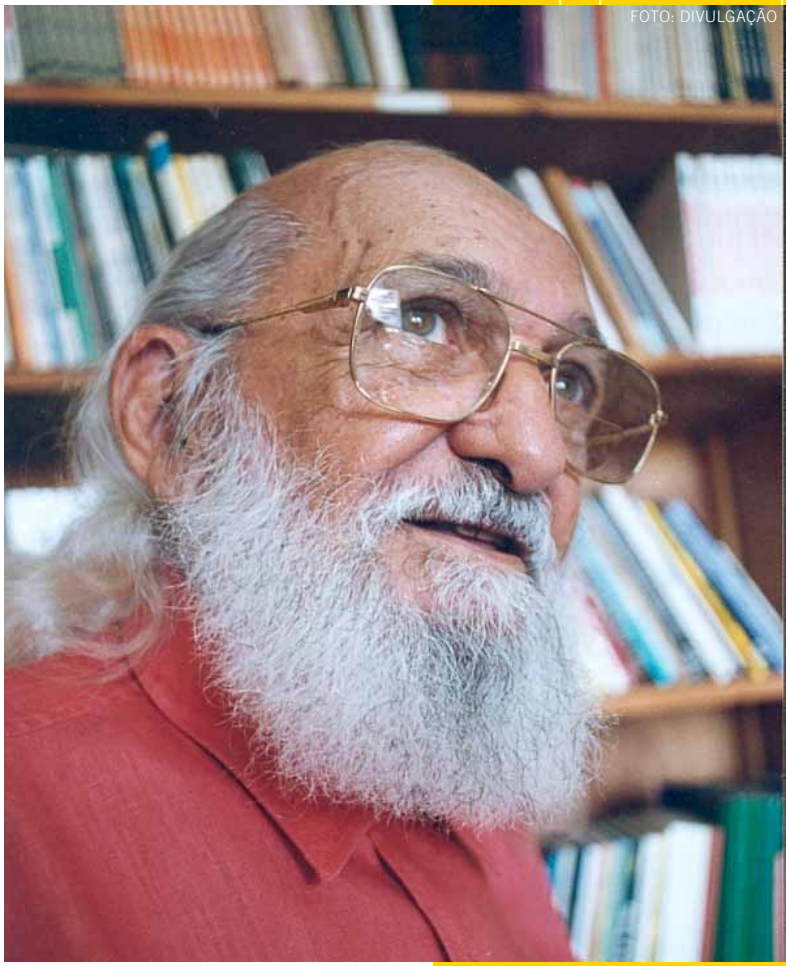
POR ALEF PONTES

A educação é, certamente, um dos principais meios de transformação na vida de uma pessoa. O processo de aprendizado é o caminho para a liberdade, uma forma de tornar as pessoas independentes. A partir do conhecimento, é possível compreender e questionar a realidade, além de modificá-la. Foi crente nessa capacidade democrática da educação que Paulo Freire concebeu uma metodologia de ensino capaz de não só informar e introduzir os estudantes no conhecimento disciplinar tipicamente escolar, como também estimular o senso crítico sobre a realidade.

Reconhecido mundialmente como grande pedagogo e educador, Paulo Freire foi, antes de tudo, uma pessoa preocupada e comprometida com as classes populares, com os menos favorecidos, dentro de uma sociedade opressora. Dedicado ao ideal de uma sociedade democrática, ele viu, na educação, o caminho para a transformação que tanto almejou no mundo. Dentre muitas de suas diversas ações sociais, a que mais se destacou em todo o mundo foi a concepção de uma nova maneira de ensinar: o método Paulo Freire.

Janayna Cavalcante, doutoranda do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, acredita que Paulo Freire foi muito mais que um educador, ele foi uma pessoa revolucionária, além de seu tempo. “Paulo Freire foi alguém que ousou fazer mais que o óbvio. Ele não apenas cumpriu tarefas que alguém lhe ordenou, ele pensou um modo diferente de fazer a prática educativa. Essa ousadia tinha um sentido político claro: ele se comprometeu com os excluídos, com as classes populares, os ‘esfarrapados do mundo’. Paulo Freire pessoa era alguém profundamente sensível ao outro, com capacidade de entrar no mundo do outro e senti-lo, respeitando-o”, afirma.

FOTO: DIVULGAÇÃO



FREIRE: UM PEDAGOGO PREOCUPADO PRINCIPALMENTE COM AS CLASSES POPULARES

FOTO: LEANDRO LIMA

PARA FREIRE, A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES É ATINGIDA ATRAVÉS DE DOIS FATORES: AÇÃO E DIÁLOGO

Segundo Freire, em *Educação e Mudança*, de 1979, a educação tradicional, ou educação bancária — por reproduzir a ideia de depósito de coisas; nela, as coisas são os saberes, e as poupanças, as pessoas —, falha por não compreender e se adequar ao universo no qual o aluno está inserido. A "cartilha" de ensino traz uma metodologia padronizada, que ignora totalmente as diversidades políticas e socioculturais do país e reduz o aluno à condição de objeto de ensino em vez de sujeito deste. Para ele, na proposta do método tradicional, todos os alunos são iguais, experimentam o conhecimento da mesma maneira e são apenas partes passivas do ato educacional. Não existe interação entre os dois lados — educador e educando.

Já em sua pedagogia, Freire defende que, para estabelecer a educação, são necessários a ação e o diálogo que incentivam a conscientização. Sem a intercomunicação, não existe reflexão, problematização ou pensar crítico, que são as chaves para a transformação libertadora. Em vez de ter o conteúdo didático pré-estabelecido — como nas cartilhas —, o educador deve procurar este conteúdo no universo temático do estudante, na sua cultura e na consciência que ele tenha desta.

A partir do momento em que o educando dialoga com o educador sobre a sua realidade, ele passa a compreendê-la melhor, problematiza-a e, através da crítica, esse educando constrói a capacidade de transformar o seu universo. "O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o educando se torne produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado", explica Freire em *Professora sim, tia não*.

O ALUNO E O PROFESSOR: UMA RELAÇÃO DE INTERDEPENDÊNCIA

A grande questão para uma educação democrática é a necessidade de horizontalidade entre as partes. Na visão de Paulo Freire, o aluno é uma parte tão importante quanto o professor no processo educacional, e não se pode impor um conhecimento em substituição a outro. "As pessoas têm o direito de entender que o seu conhecimento e o modo de vida que o gerou não são menos importantes que o conhecimento que chega através da escola e de outras formas educativas, como programas e projetos", explica Janayna Cavalcante.

Segundo a professora, a realidade local é o universo onde as pessoas se veem e enxergam as outras. "É o horizonte a partir do qual conhecemos o mundo, literalmente, nosso 'ponto de vista'. É fundamental que não desprezemos, na perspectiva freireana, os sentidos produzidos pela vida no espaço que chamamos de 'minha comunidade', caso contrário, estaremos pedindo às pessoas para abrirem mão de quem são em detrimento de um saber novo que estamos trazendo. A conscientização mantém uma relação fundamental com o conhecimento, pois o amplia, um alimenta a expansão do outro. Os conhecimentos de qualquer natureza, passando pelo exercício do diálogo e da problematização, podem contribuir com a conscientização", conclui Janayna.

A conscientização, para Freire, é, portanto, o reconhecimento dos próprios direitos, e isso precisa estar intimamente associado à educação formal. A união desses dois modelos de conhecimento forma um saber que tem o potencial de mobilizar as pessoas em prol da melhoria na qualidade de vida tanto do indivíduo como da comunidade.

CNI
SESI
SENAI
IEL

SESI

Iniciativa da CNI - Confederação Nacional da Indústria

ORQUESTRA
CRIANÇA
CIDADÃ

ORQUESTRA CRIANÇA CIDADÃ

Chesf

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Mais energia também na música